

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
TEOLOGIA

EVELIN SIBELE RAMALHO SGANZERLLA

A INFLUÊNCIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE
VIDA DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II E MÉDIO NA REGIÃO METROPOLITANA
DE SALVADOR

São Leopoldo

2011

EVELIN SIBELE RAMALHO SGANZERLLA

A INFLUÊNCIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE
VIDA DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II E MÉDIO NA REGIÃO METROPOLITANA
DE SALVADOR

Trabalho Final de Mestrado
Profissional Para obtenção do grau
de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2011

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S523i Sganzerlla, Evelin Sibebe Ramalho
A influência da arte-educação, nas histórias de vida, dos alunos de escolas públicas do ensino fundamental II e médio, na região metropolitana de Salvador / Evelin Sibebe Ramalho Sganzerlla ; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
86 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Cidadania. 2. Arte na educação. 3. Arte – Aspectos sociais. 4. Arte – Estudo e ensino. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Resumo

Este trabalho consiste em uma análise da influência de projetos extracurriculares de arte-educação (Rádio Escolar JUBA e *Hip-Hop*) nas histórias de vida e, conseqüentemente, na formação cidadã de adolescentes de escolas públicas na região metropolitana de Salvador. O primeiro capítulo faz uma retrospectiva histórica da Arte no mundo. Além disso, é exposto um panorama da arte-educação no Brasil a partir do seu surgimento até os dias atuais. O segundo capítulo aborda o conceito de arte-educação e de que forma ela vem sendo trabalhada na contemporaneidade, uma vez que se trata de um instrumento que transporta os indivíduos, no caso os adolescentes, da dimensão onírica à realidade, preparando-os para o exercício da reflexão crítico-criativa dos valores éticos e culturais arquitetados pela humanidade. O terceiro capítulo retrata a história das histórias de vida que serão apresentadas posteriormente; tais histórias ocorrem na Ilha de Itaparica, localizada na região metropolitana de Salvador. O quarto e último capítulo mostra, através de perguntas apresentadas a alunos, alunas e professores, a influência, ou não, dos projetos de arte-educação em seus percursos de humanização. A resposta é buscada levando em conta as individualidades de cada um dos adolescentes e professores entrevistados, bem como o contexto histórico de tais projetos, e de como foram e estão sendo – no caso do *hip-hop* – realizados. O trabalho sugere, num aspecto mais amplo, um estudo biográfico da própria pesquisadora, uma vez que ela fez e faz parte da vida destas pessoas e vice-versa. Finalmente, concluiu-se que as vidas das pessoas estão interligadas como uma enorme teia e, por isso, qualquer que seja a mudança de atitude, haverá uma interferência positiva na sociedade como um todo, desde que orientada nos ideais dos direitos humanos, da ética e da consciência terrena. Tais objetivos, tanto nos aspectos conceituais, atitudinais ou procedimentais são urgentes para garantir a sobrevivência da espécie humana em nosso planeta.

Palavras-Chave: arte-educação, cidadania, adolescentes, histórias de vida e ética.

Abstract

This dissertation consists of an analysis of the influence of non-regular school curriculum projects of art education (Rádio Juba and Hip-Hop) over life stories, and hence the civic education of adolescents from public schools in the Metropolitan Region of Salvador. The first chapter gives a historical overview of art in the world. Moreover, it exposed a panorama of art education in Brazil from its early years to the present day. The second chapter discusses the concept of art education and how it has been used today. This concept is an instrument that carries individuals, more specifically teenagers, from the dream dimension to reality and preparing them to use critical-creative reflection of the ethical and cultural values devised by mankind. The third chapter tells life stories that will be shown later, these stories take place on the island of Itaparica, located in the Metropolitan Region of Salvador. The fourth and last chapter shows – from students and teachers answers - the influence of the projects of art education along with their humanization path. The answers are analyzed considering the individuality of each of the teenagers and teachers interviewed, as well as the historical context of these projects. The answers are also analyzed considering how they were and have being performed – in the case of hip-hop. The dissertation suggests, in a broader aspect, a biographical study of the researcher - she was and still is part of these people lives and vice versa. Finally, it was concluded that people's lives are connected like a huge web. And, so, whatever changes in attitude, there will be a positive interference in society as a whole, since it focused on the ideals of human rights, ethics and consciousness. These objectives, both in conceptual, attitudinal or procedural are urgently needed to ensure the survival of mankind on our planet.

Key Words: art education, citizenship, adolescents, stories of life and ethics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I – ARTE-EDUCAÇÃO.....	10
1 – Breve visão histórica geral.....	10
2 – Arte-Educação no Brasil.....	12
II – ARTE-EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.....	25
1 – Conceito de Arte-educação.....	25
2 – A aplicabilidade da Arte-Educação na escola.....	36
III – HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	41
IV – HISTÓRIAS DE MUITAS VIDAS.....	52
1 – Introdução.....	52
2 – Sobre a Metodologia.....	52
3 – Abordagem e Pressupostos.....	53
4 – Método de Pesquisa.....	55
5 – Amostra e População.....	57
6 – Técnica de Coleta de dados e instrumentos.....	58
7 – Opções Metodológicas da Pesquisa.....	59
8 – Conceitos utilizados na Análise e Questões da Pesquisa.....	60
9 – Síntese do Método da Pesquisa.....	62
10 – Análise das Histórias de Vida.....	62

10.1 Pesquisa de campo entrevistados.....	62
10.2 Processos e Critérios das Entrevistas.....	62
10.3 Processos dos Questionários.....	63
10.4 Percepção dos Professores de Arte das Respectivas Escolas.....	64
10.5 Percepção dos alunos e da aluna que participaram de Atividades extracurriculares.....	73
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

Como educadora, mais especificamente como gestora e coordenadora escolar nos últimos dez anos, venho me inquietando com questões referentes ao tema. Em especial, por três anos, trabalhei como educadora na Secretaria do Menor de São Paulo desenvolvendo o “*Projeto Enturmando*”, no qual, através do ensino da Arte (*artes plásticas, teatro e circo*), no contraturno das escolas públicas, eram atendidas crianças e adolescentes de 7 a 17 anos em situação de risco. Os resultados alcançados ao final de cada etapa eram satisfatórios, além de surpreendentes.

O “Projeto Enturmando” funcionava da seguinte forma: os circos eram armados na periferia da cidade, em terrenos alugados; as construções eram pré-fabricadas e provisórias. Utilizando uma estrutura simples, o local se transformava num verdadeiro centro cultural com capacidade para receber até três mil crianças da região, ávidas para aprender todas as técnicas de teatro, das artes plásticas e das artes circenses, que também incluíam confecções de fantasias, cenários, iluminação, maquiagem e representação. Além de tudo isso, o Programa também mantinha Educadores de Rua na retaguarda.

A maioria das crianças matriculadas no Projeto Enturmando não tinha recebido socialização adequada e passava a recebê-la dos educadores de rua. A Arte empolgava essas crianças e, através dela, vivenciavam etapas de relacionamento e adaptação de forma rápida. As diretrizes da Secretaria do Menor orientavam a respeitar a individualidade e incentivar todos os envolvidos, para que se tornassem donos de si. Lá eles desenvolviam o equilíbrio, a disciplina com liberdade, fatores estes indispensáveis para o desenvolvimento do processo.

Anos mais tarde, motivada por questões pessoais, mudei com minha família para a Bahia, mais especificamente para a Ilha de Itaparica. Após prestar concurso para o Estado, ingressei na rede pública de ensino, atuando como Gestora e Coordenadora Pedagógica no Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Nestes dois lugares, deparei-me com uma realidade que me assustou, no tocante à

desvalorização da cultura local e do ensino de arte totalmente desvalorizado e "deixado de lado"...

Dessa forma, tento implantar nas unidades escolares em que trabalho oficinas voltadas à arte-educação; a primeira foi voltada à educomunicação, pois se tratava de uma rádio escolar; na segunda tratava-se de um grupo de *hip-hop*. Minha proposta maior desta pesquisa é chegar a retratar, através das histórias de vida desses alunos e alunas, que passaram por este processo, o impacto desses trabalhos em sua formação cidadã.

Entretanto, para isso, julguei necessário fazer uma retrospectiva histórica sobre arte no mundo, justamente sobre o que estou tratando no primeiro capítulo. Já no segundo capítulo, proponho uma visão panorâmica da arte-educação no Brasil, no passado e hoje em dia.

No terceiro capítulo, faço uma retrospectiva histórica do povo da Ilha de Itaparica, onde moro e trabalho atualmente, e de onde serão pesquisadas as histórias de vida que serão retratadas posteriormente num maior aprofundamento dessa pesquisa.

No quarto e último descrevo a pesquisa em si com os questionários aplicados a dois professores, dois alunos e uma aluna, revelando a partir daí a influência desses projetos em suas vidas.

Quem se arrisca a vasculhar nosso passado educacional poderá encontrar várias experiências capazes de fundamentar e enriquecer nosso fazer atual, mas por motivos políticos e ideológicos, que estão por trás do mascaramento da realidade, as mesmas não são socializadas. Isso nos levaria a crer que, para o avanço da arte-educação no Brasil, é fundamental a documentação e divulgação das experiências que foram ou estão sendo realizadas, baseadas em vivências concretas com crianças e jovens brasileiros.

Dessa forma, promovo uma reflexão sobre os conceitos de arte, educação e o papel da arte na educação. Esta se baseia na ideia de que cada pessoa nasce com determinadas potencialidades que têm um valor positivo para este indivíduo e que é

seu destino próprio desenvolver essas potencialidades dentro da estrutura de sociedade suficientemente liberal para permitir uma variação infinita de tipos. Isto porque a diferença, a diversidade e a alteridade é que tornam uma sociedade rica de saberes.

I - A ARTE-EDUCAÇÃO

1- Breve visão histórica geral

Desde Platão (388 a.C.)¹ já se valorizava a arte na educação, pois em sua obra, a “República”, a música era vista como componente fundamental na formação do cidadão. Era uma das três áreas essenciais da formação humana, pois se acreditava que além da música fornecer a vivência e a noção de ritmo, sem ela não haveria juízo, caráter, filosofia, absolutamente nada; eram o ritmo e a harmonia que, penetrando fundo na mente, criariam as bases para a formulação e geração do bom, do belo, do adequado, comprovando assim que, através da arte, desenvolvem-se competências e habilidades essenciais à formação integral do indivíduo. Posteriormente, Hegel², pai da dialética, apresentou a arquitetura como sendo a mais completa e importante das artes.

Mas foi no século XIX, na Inglaterra – no início da Revolução Industrial – que surgiu a primeira experiência marcante em arte-educação. Pela primeira vez, no currículo do ensino elementar destinado aos filhos das classes trabalhadoras, foi criada uma matéria chamada “introdução ao desenho”. Sem dúvida, foi um marco, pois, até então, o desenho só era ensinado nas academias; acreditava-se que os filhos da plebe, por terem uma condição inferior e não possuírem a oportunidade de utilizar outras habilidades a não ser as de ler, escrever e contar, eram excluídos, ou seja, privados de desenvolver habilidades artísticas.

¹ BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 12.

² HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. 2ª ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002, p. 10.

A nova disciplina tinha por objetivo uma educação em *design* e utilizava o desenho como instrumento, permitindo assim que o aluno fosse capaz de desenvolver a coordenação entre os olhos e as mãos e o adestramento da habilidade manual. O curso, que era conhecido como “artes aplicadas”, reforçava o ensino do desenho como sendo exclusivamente de caráter utilitário, ignorando qualquer outro objetivo no desenvolvimento espiritual do indivíduo.

Mas foi no final da 2ª Guerra Mundial, na Europa, que os professores secundaristas começaram a se reunir com os de belas-artes, depois de concluírem que o ensino da Arte ia muito além da simples transmissão de técnicas, de desenhos e pinturas.

Foi a partir daí que tiveram início inúmeras pesquisas de Arte-Educação que resultaram em dissertações de mestrado e teses de doutoramento dando origem a artigos de jornais e revistas e também divulgações em congressos organizados para arte-educação.

Deste movimento destacam-se dois autores que valorizaram a arte-educação enquanto profissão: o inglês *Herbert Read*, com a obra *Education Through Art* (1939), e o americano *Viktor Lowenfeld*, com a obra *Creative and Mental Growth* (1947). Dentre os dois, foi *Read* (1939) que mais influenciou as correntes filosóficas da Arte-Educação no Brasil, introduzida pelo artista Augusto Rodrigues, da Escolinha de Arte do Brasil, pois ele acreditava que “a criatividade infantil deveria ser explorada ao máximo, encorajando os recursos disponíveis aos processos da arte no ensino do conceito social histórico.”³

A criação da *Internacional Society For Education Through Art* (Insea), sob o patrocínio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura) e posteriormente a Associação Brasileira de Arte-Educação, sob a orientação filosófica de *Read*, foram extremamente importantes para o reconhecimento do ensino de Arte-Educação.

³ BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 20.

Para *Read*⁴, a Arte-Educação é composta de dois objetivos principais, sendo eles: a) educação para a arte (voltada aos alunos de Belas Artes) que visa ao produto artístico em si; b) a educação pela arte centrada na criança ou no estudante (que é o foco deste trabalho de pesquisa); preocupa-se com a consciência social e com a ação cultural. As atitudes e crenças sobre as artes são construídas nos primeiros anos, fazendo um estudo sobre a história da arte e ressaltando que as artes visuais foram e são exploradas como instrumento manipulador de crenças e ideias das pessoas. Exemplos: na contrarreforma (por motivos religiosos); na Alemanha nazista (com o objetivo de propaganda). O que vemos no decorrer da história é o que fica evidente no que Durand afirma:

É importante que se perceba que tanto a arte como a educação são fortes ferramentas de políticas já estabelecidas. Por isso que os objetivos, ao se desenvolver um trabalho de arte-educação, devem estar baseados na sustentação da sociedade e seus valores culturais.⁵

A arte-educação enquanto metodologia de ensino e aprendizagem não visa formar artistas, mas sim cidadãos conscientes do seu lugar e importância singular no processo histórico e, conseqüentemente, nas possíveis mudanças.

2- Arte-Educação no Brasil

Além do preconceito “político”, no Brasil, houve uma incompatibilidade estética, pois os membros da missão francesa eram de orientação predominantemente neoclássica, enquanto a nossa era marcada pelo barroco-rococó. O rompimento da nossa tradição artística colonial gerou um distanciamento entre o povo e a arte e originou o que Ana Mae Barbosa chama de: “variante de ordem psicossocial, ou seja, o fato de que a emotividade e o sensualismo do mestiço brasileiro encontravam no barroco formas mais próprias de expressão, suscetíveis de autenticidade.”⁶

⁴Apud BARBOSA, 1995, p. 09.

⁵DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção**. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 57.

⁶ BARBOSA, 1995, p. 10.

A arte aqui passou a possuir uma concepção burguesa e elitista, pois anteriormente, mais precisamente entre 1549 e 1808, a arte era desenvolvida em oficinas de artesãos (valorizando a prática) e inspirava-se na formação do Barroco Jesuítico. Com a influência francesa o aprendizado através do trabalho, do período anterior, deu espaço a árduos exercícios formais. Nessa época, a arte era ensinada na escola secundária, nas escolas elementares particulares, não fazendo parte do currículo da escola elementar pública.

A seguir, mais precisamente o período entre 1870 e 1901 foi marcado pela fundação do Partido Republicano (1870) e pela luta contra a escravidão e a monarquia. O ensino da Arte foi ressignificado, sendo considerado a matéria mais importante no currículo da escola primária e secundária e principalmente na escola pública. Tais ideais surgiram da influência de Walter Smith. A intenção, na época, era copiar os modelos americanos, ingleses e belgas mantendo de fora qualquer preocupação com a cultura nativa. No período de 1901 a 1914, a influência americana ganhou mais espaço e as escolas de missionários americanos passaram a influenciar decisivamente na legislação educacional brasileira.

A partir de 1914 até por volta de 1927, a pedagogia experimental ganhou espaço no Brasil e a criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura e foi reconhecida como um ser humano com características próprias; iniciou-se nesse período a investigação sobre as características da expressão da criança através do desenho, que passou a ser usado como tese mental. Segundo Ana Mae Barbosa:

A livre expressão da criança é valorizada e vista como instrumento de investigação de seus processos mentais (inteligência, tipologia, psicologia). O desenho passa a ser visto como um produto interno que reflete sua organização mental.⁷

⁷ BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e colagem**: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 1989, p. 5.

O período de 1914 a 1927 foi um marco para a Arte-Educação, pois pela primeira vez os modelos impostos à observação foram criticados e condenados, deixando que as crianças buscassem seus próprios modelos, tendo como ponto de partida sua própria imaginação.

No período seguinte (de 1927 a 1935) houve um despertar da consciência nacional; surgiu o movimento da Escola Nova, anunciando reformas que tinham por objetivo a democratização da sociedade, para a superação do sistema oligárquico. Os modelos estrangeiros a partir de então foram adaptados à nossa realidade. Mais especificamente, na Arte ocorreu a Semana de Arte Moderna (1922), onde se acentuou a investigação sobre a arte da criança.

Faz-se necessário um pequeno aprofundamento a respeito da Semana de Arte Moderna pelo fato de um dos pontos principais desta pesquisa ser justamente o resgate das identidades; esse foi o marco da Semana de 1922, que buscava resgatar nossa identidade nacional. Naquela época, o Brasil se industrializava e o mundo era sacudido por novas idéias, por uma sede coletiva do novo. Assim descreve muito bem Durand :

A valorização do “exótico” e do não europeu no repertório cultural inspirava-se em uma re-valorização do nacional, e, nesse âmbito de tudo que distancia-se do artificialismo afrancesante da estética neoclássica “redescobrir o Brasil” foi a palavra de ordem em 1924.⁸

Pintores como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral e os escritores Mário de Andrade (de “Macunaíma”) e Oswald de Andrade foram importantíssimos neste movimento. As mudanças nas produções destes artistas refletiram precisamente o espírito do movimento, pois como bem descreve Durand :

Flores e frutos brasileiros, a fauna e a mitologia popular, cenas religiosas são os temas com que ela começa a figurar o Brasil brasileiro “autêntico” e atemporal. As vistas de gasômetros, de fábricas e estações ferroviárias de São Paulo reafirmam sua adesão a uma temática que valoriza os elementos dinâmicos da sociedade no século XX, tal como sustentava a plástica da arquitetura e do desenho industrial da época. Esses são os temas das fases “pau-

⁸ DURAND, 1989, p. 83.

Brasil” e “antropofágico” que ela então desenvolveu. Assim “absorvida a lição do Cubismo, Tarsila a devolve, sobretudo a partir de 1924, deglutida e passada a limpo brasileiromente”. E Oswald a divulga como exemplo de revalorização do povo e da natureza do Brasil, apelando à metáfora segundo a qual “se alguma coisa eu trouxe de minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo...”⁹

Todo entusiasmo e mudança do período anterior foram substituídos e diluídos pela ditadura de Getúlio Vargas, que via na educação, e conseqüentemente na Arte, perigo de ameaças comunistas e socialistas. O interesse pela Arte-Educação, tão latente no período anterior, reduziu-se consideravelmente. Mas, pela primeira vez foi criado um curso por Mário de Andrade na Universidade do Distrito Federal, que passou a estudar a arte infantil.

De 1945 até 1958 houve uma tentativa de redemocratização; muitos conceitos do Movimento da Escola Nova tentaram ser resgatados, mas a preocupação então era política e não mais técnica, como no passado. A Arte-Educação voltou com força total e ganhou espaço em atividades extracurriculares e até extraescolares, supervalorizando a arte como livre expressão.

Seguindo as iniciativas do período anterior – que foi de 1945 até 1958 –, buscou afirmação de um modelo nacional, impulsionado pelos ideais e métodos de Paulo Freire, que refletiu também no movimento da Arte-Educação nacional. A partir da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a arte passou a ser aplicada e experimentada nas escolas comuns, mas como disciplina facultativa, ou seja, compunha a parte diversificada das grades curriculares. No entanto, tentava superar as ideias da educação jesuítica de que os alunos eram “taboas rasas” e, portanto, não cabia à escola desenvolver a imaginação, a afetividade e a criatividade de cada estudante, e muito menos criar oportunidades para que os alunos chegassem a apreciar a estética, a música e as belas artes.

Todo movimento que ocorre hoje no Brasil em relação à Arte-Educação teve origem nesse último período, por isso vale a pena um aprofundamento neste

⁹ DURAND, 1989, p. 84.

contexto histórico para que fiquem evidentes as origens e objetivos da Arte-Educação.

Entre 1958 e 1963, a educação dá um passo decisivo em direção a sua emancipação. Fato este relacionado com a abertura política, social e econômica da sociedade na época”.¹⁰

O presidente naquela época era Juscelino Kubistsckek (1957-1960), que deu continuidade à política de desenvolvimento iniciada por Getúlio Vargas. O modelo econômico do então presidente baseava-se na internacionalização da economia brasileira e era apoiado pelos mais diferentes grupos políticos: juntos tentavam desmistificar a idéia de que o Brasil só possuía “vocação agrícola”.

Ana Mae Barbosa descreve muito bem o panorama mundial nessa época, que serviu como pano de fundo para as mudanças nacionais. “Além do apoio da maioria, o alívio da repressão que se fez sentir no mundo ocidental com o fim do stalinismo e do macartismo tornou possível uma abertura política durante o governo Kubitschek.”¹¹

O aumento da industrializa o no Brasil elevou o número de empregos e conseqüentemente a capacidade de consumo do povo. O clima era de euforia e a política do Estado não acompanhava tantas mudanças. Por isso, entre 1961 e 1964, foram propostas mudanças de base. Todo esse movimento unindo estudantes e trabalhadores atingiu um “alto grau de autodetermina o”, até então inédito no Brasil. Essa rápida abertura política e econ mica atingiu todos os setores da sociedade e surgiram os movimentos de valoriza o da cultura popular. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (IDEB) criou teses na área de filosofia e sociologia voltadas ao desenvolvimento brasileiro. Todas as formas de arte sofrem influência desta abertura, sendo bem descrito por Ana Mae Barbosa :

Na literatura, o movimento concretista, que explode em 1957, recebe reconhecimento internacional. A obra principal de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, estabelece novos parâmetros para o romance brasileiro. O cinema novo apresenta uma visão crítica da

¹⁰ BARBOSA, 1989, p. 18.

¹¹ BARBOSA, 1989. p. 15.

realidade brasileira, como a bossa nova significa uma reorientação da música popular. É reforçado o movimento de deselitização do teatro. A Arquitetura brasileira reencontra suas raízes no Barroco através do trabalho de Lucio Costa e Oscar Niemeyer na construção de Brasília.¹²

A partir dessa época a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) reforçava a flexibilidade necessária para a continuação de experiências na área da Arte-Educação e, graças a estas iniciativas, de acordo com a Lei 9394/96 Educação Artística é hoje componente curricular obrigatório no Ensino Básico (educação infantil, ensino fundamental e médio; art. 26 parágrafo 2º- e seu objetivo é promover o desenvolvimento cultural dos alunos. No entanto, mesmo antes de 1996, data da publicação da nossa última LDB, a Arte-Educação já era aplicada como metodologia de ensino e aprendizagem nas “Escolas Parque” implantadas em Salvador e Brasília. Por se tratar de uma experiência de êxito, apresentaremos a proposta do Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Escola Parque que teve como idealizador Anísio Teixeira, que foi um educador, filósofo, humanista e democrata.

Teixeira afirmava que “não há nenhum país civilizado que tenha pela sua língua, pela sua história, pela sua civilização, pela sua cultura, semelhante desprezo, como nós brasileiros”, e acrescenta ainda:

Sabemos que somos um país de distâncias físicas, sabemos que temos uma geografia que nos espanta e nos separa em suas imensas distâncias. Mas o Brasil não é só apenas um país de distâncias materiais, o Brasil é um país de distâncias sociais e distâncias mentais, de distâncias culturais, de distâncias econômicas e de distâncias raciais. E nas dificuldades que todos sentimos de compreendê-lo, não devemos esquecer este fato. É por causa dessas distâncias que temos tantas linguagens pelo Brasil afora. Falamos uma língua em voz alta e outra em voz baixa. Temos uma linguagem para as festas e outra para intimidade. Uma para o povo, outra para o estrangeiro, e outra para os “iguais”.¹³

Em 21 de setembro de 1950 foi inaugurado parcialmente o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, cuja proposta era a escola popular em educação integral de atividades, ou seja, “uma pequena universidade infantil”. O

¹² BARBOSA, 1989. p. 40.

¹³ TEIXEIRA, apud BASTOS, Zélia. Centro Educacional Carneiro Ribeiro – Salvador: s.n. [sine nomine], 2002, p.15.

funcionamento se dava da seguinte forma: A Escola Parque atendia aos alunos das Escolas Classes, isto é, escola de ensino de letras e ciências e, no contraturno, ou seja, no turno oposto, as crianças iriam à Escola Parque, onde realizariam atividades sociais e artísticas, as atividades de trabalho e as atividades de Educação Física. Além disso, havia uma biblioteca infantil e dormitórios para 200 a 400 crianças consideradas abandonadas sem pai nem mãe, que passariam a ser não hóspedes infelizes de tristes orfanatos, mas as residentes da Escola Parque beneficiadas com serviços gerais e alimentação.

As Escolas Classe foram bem construídas e recebiam cerca de 1200 alunos cada uma, localizadas até 1,5 km das Escolas Parque. Os bairros onde estão as Escolas Classes são: Caixa D'água (Escola Classe 4); Pau Miúdo (Escola Classe 3); IAPI- (Escola Classe 2); Pero Vaz- Liberdade (Escola Classe 1). A Escola Parque está localizada na rua Saldanha Marinho 134 – Caixa D'água, e ocupa uma área livre de 42.292 m² e 20.000 m² de área construída. No seu discurso de inauguração, Anísio Teixeira afirma:

Mas, de nada mesmo, repito, precisamos em nossa época, para ficarmos à altura das imposições que o progresso técnico e científico nos está a impor. Queiramos, ou não, vamo-nos transformar de uma sociedade primitiva em uma sociedade moderna técnica. Os habitantes deste bairro da Liberdade deixam um estágio anterior aos tempos bíblicos de agricultura e de vida primitiva para emergirem em pleno barato no século XX. Ou organizamos para eles instituições capazes de lhes preparar os filhos para o nosso tempo ou a sua instrução na ordem atual terá o caráter das instruções geológicas que subvertem e desagregam a ordem existente.

Com palavras fortes e diretas, Anísio Teixeira profetizou a transformação da sociedade através da escola para os novos tempos. E ainda afirma mais:

No mínimo, as crianças brasileiras, que logram freqüentar a escolas, estão abandonadas em metade do dia. E este abandono é o bastante para desfazer o que, por acaso, tenha feito a escola na sua sessão matinal ou vespertina. Para remediar isto, sempre me pareceu que devíamos voltar à escola de tempo integral. Daí esta escola, este antro aparentemente visionário. Não é visionário, é modesto. O começo que hoje inauguramos é modestíssimo: representa apenas um terço do que virá a ser o Centro completo. Custará não apenas os

sete mil contos que custaram estes três grupos escolares, porém uns quinze mil mais. Além disso, era um Centro apenas de 4.000 das 40.000 crianças que temos, no mínimo, de abrigar nas escolas públicas desta nossa cidade. Devemos possuir, e já, mais nove centros iguais a este. Tudo isso pode parecer absurdo, entretanto, muito mais absurdo será marcharmos para o caos, para desagregação e para o desaparecimento. E de nada menos estamos ameaçados. Os que estão, como cassandras, a anunciar e esperar a catástrofe e a subversão, irão fazer as escolas que deixamos de fazer para a vitória do seu regime. Se o nosso, o democrático, deve sobreviver, deveremos aparelhá-lo com o sistema educativo forte e eficaz que lhe pode dar essa sobrevivência. A inauguração que, hoje, aqui se faz alimenta essa esperança e essa ambição. Bem sei que a ambição é desmedida, mas que medida tem sobrevivência democrática? ¹⁴

Infelizmente, a proposta da Escola Parque sobreviveu apenas três décadas e de lá até a sua revitalização ficou desativada; a esse respeito escreve Zélia Bastos :

Hoje, o Centro assistiu à desagregação, seus valores se perderam, instalando incertezas e sua caracterização física e pedagógica. Belo e trágico, um paradoxo. Acho que houve um corte, uma dissociação do mágico e do real. Eu não tenho a solução – apresento sugestões para que se abram debates, discussões. Interpele e condene que a nossa voz se reproduza se multiplique e sensibiliza a todos. ¹⁵

As vozes ecoaram, se multiplicaram e sensibilizaram a todos, prova disso é que no ano de 2002 foi reinaugurada a Escola Parque com a missão de oferecer ao aluno um retrato da vida em sociedade, com suas atividades diversificadas, o aprendendo a aprender e a ser através das experiências de estudo e de ação, responsáveis pelo mundo. E hoje os núcleos de vivências desenvolvem as seguintes atividades:

- Núcleo de Informação, Comunicação e Conhecimento (Biblioteca, Informática, Educativa, Jornal, Site e Rádio);

- Pluralidades Artísticas e Conhecimento (**Canto, Dança, Música e Teatro**);

¹⁴ BASTOS, 2002, p. 50.

¹⁵ BASTOS, 2002, p. 53.

- Pluralidades Esportivas e Conhecimentos (Atletismo, Basquete, Capoeira, Karatê, Futsal, Ginástica Localizada, Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica, Handball, Judô, Vôlei e Xadrez);

- Artes Visuais (**Artesanato, Cartonagem, Cerâmica, Corte e Costura, Fotografia, Marcenaria, Metal, Tecelagem, Artes Plásticas**);

- Jardinagem (Horticultura, Plantas Ornamentais, Paisagismo);

- Alimentação (Padaria, Confeitaria, Combinações de Alimentos);

- Projetos Especiais (Aluno-Guia, Apoio à Família, Psicologia Escolar, Inclusão Social: Olhe para Dentro de si Mesmo, Descobrendo Talentos e Habilidades; Projeto Oficina: Leitura e escrita, Raciocínio Lógico Matemático).

As atividades destacadas em negrito são diretamente artísticas, embora indiretamente todas desenvolvam a criatividade. Por exemplo: cozinhar, planejar uma ornamentação de jardim, vários tipos de esportes são atividades que também desenvolvem a criatividade e a imaginação. Quanto à clientela, há a mesma da proposta inicial, ou seja, atende a alunos das Escolas Classes. Para obter estas informações estive algumas vezes no Centro Educacional Carneiro Ribeiro e tive a certeza que o que proponho não é utópico e muito menos inédito, mas sim totalmente realizável. Infelizmente, poucas crianças baianas estão sendo beneficiadas com esta proposta; cabe a nós, educadores e educadoras, divulgar e multiplicar esta práxis que retrata tão bem a nossa identidade sociocultural.

Neste mesmo período, foi criada a Universidade de Brasília (UNB) com sua filosofia de valorizar a cultura brasileira tornando-se um grande palco de projetos de Arte-Educação. Assim descreve Ana Mae Barbosa :

A arte-educação ocupou um lugar relevante na universidade de Brasília. Tencionava-se começar a escola de Educação a partir do departamento de Arte-Educação. E, na realidade, a primeira entidade a estudar educação organizada na Universidade de Brasília foi uma escola de arte para crianças e adolescentes. Sua organização envolveu durante quase um ano o trabalho de diferentes especialistas (arte-educadores, arquitetos, psicólogos, artistas, educadores,

químicos, etc.). “Pretendia-se começar as pesquisas e estudos de educação através da arte-educação, refletindo uma abordagem fiel a idéia de educação através da arte”.¹⁶

Toda esta evolução da arte como metodologia de ensino e aprendizagem foi interrompida pelo Golpe Militar de 1964; 230 professores da UNB pediram demissão em sinal de protesto às “perseguições despóticas e à ocupação militar”.

Entretanto, os ideais e a práxis da Universidade de Brasília ficaram apenas adormecidos e mesmo depois de tantos assassinatos estúpidos a filosofia dessa época continua viva e latente a ponto de ser posta em prática e atingir seu verdadeiro objetivo, ou seja, transformar o povo “brazileiro” em verdadeiros cidadãos brasileiros. Porém, depois de 1964 foi implantado no Brasil o modelo tecnocrático, no qual não cabia a práxis dialética proposta por Paulo Freire.

Em 1971, a arte passou a ser obrigatória no currículo do primário e do ginásio e até em algumas séries do segundo grau. Infelizmente, as experiências até então adquiridas em Arte-Educação não foram reaproveitadas e o ensino da arte retornou a um passado bem distante, no qual o Brasil voltou a copiar modelos estrangeiros de educação.

Além desta antropofagia educacional e cultural, na qual o importado tem mais valor do que o nacional, a arte permanece como uma “disciplina periférica no currículo”. Uma prova disso é que por inúmeras vezes ouço: “tira Artes e aumenta o número de aulas de Matemática, Física ou Português...”, como se ela fosse supérflua. Além do mais, “arte é uma espécie de decoração ideológica temática nas escolas”, onde o professor serve muitas vezes para decorar a escola para as festas comemorativas como a chegada da primavera, para o São João, Natal etc., reforçando assim a nossa dependência em modelos preestabelecidos e, conseqüentemente, falta total de criatividade e autonomia.

¹⁶ BARBOSA, 1989, p. 40.

É importante ressaltar que esta falta de criatividade, de iniciativa e de autonomia não são características nossas; foram inculcadas sutilmente no nosso “DNA psicossocial” por nossos “colonizadores”. O termo “colonizadores” encontra-se entre aspas porque depois da 2ª Guerra Mundial as colonizações diretas foram condenadas. E nesse processo, o sistema educacional, além de depender desse sistema, serviu como instrumento de manutenção dessa dependência. Assim afirma Ana Mae Barbosa :

Através da educação, os mesmos valores e aspirações já alcançados por sociedades independentes são transmitidos às sociedades dependentes, impedindo-se com isso que formem seus próprios valores. Criam-se necessidades e demandas artificiais para garantir o mercado de produtos estrangeiros e distantes Ways of lifes (formas de viver)¹⁷

Esse “adestramento” ao consumo de “pacotes” previamente embalados e ideologicamente acondicionados torna o cidadão, como diria Illich¹⁸ “incapaz de delinear e transformar o seu meio ambiente.” Tudo isso transformou a América Latina, de maneira geral, em mera copiadora dos modelos da metrópole desenvolvida. Por não sermos livres, nossa visão de realidade é deturpada, não possuímos um sistema próprio de valores e por isso estamos sempre aguardando a aprovação do dominador, que, por sua vez, só está interessado em perpetuar a sua dominação, e com isso abrimos mão da nossa consciência social.

Como a consciência social é matéria-prima básica para o sistema educacional, nossas escolas encontram-se totalmente contaminadas, comprometidas, pois se valoriza mais teóricos estrangeiros do que conterrâneos como Paulo Freire e Darcy Ribeiro. É indiscutível que Paulo Freire foi e é o único educador que criou uma metodologia genuinamente brasileira que surgiu tendo como base nossas necessidades, nosso perfil, nossa visão e leitura de mundo, enfim, nossas condições sócio-históricas e, portanto, eficaz na modificação da nossa realidade. E para reforçar esta idéia incluo as palavras de Ana Mae Barbosa :

¹⁷ BARBOSA, 1989, p. 12.

¹⁸ ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 161.

A abordagem antropológica de Paulo Freire consolida no seu método de libertação através da “conscientização”, constitui uma conquista objetiva em direção à independência da educação. É o único modelo educacional que pode ser considerado realmente brasileiro.¹⁹

Toda esta dependência nos leva a uma “amnésia crítica”, pois os professores e professoras que seriam os líderes, os grandes “cabeças” para a retomada dessa consciência vêm sendo sufocados por esta supervalorização do externo. Obviamente, toda esta imposição é camuflada por um “falso nacionalismo”, pois quando se fala de novos sistemas educacionais, logo pensamos que é criação nossa, mas é ledô engano. Na maioria das vezes, trata-se de projetos muitas vezes descartados em outros países que são “vendidos” para nós como inéditos e eficazes. Para Paulo Freire, o primeiro passo em direção à independência é justamente a conscientização desta dependência e a tentativa de buscar na história os agentes controladores e mantenedores dessa relação dependente.

Não adianta acharmos que é só influência norte-americana e substituímos pela europeia ou asiática; o que precisamos é modificar este paradigma, este padrão mental coletivo de que somos incapazes, que não sabemos nada, que não podemos nada. É urgente resgatarmos nossa autoestima e, conseqüentemente, nossa sobrevivência cultural. Não devemos negar as influências estrangeiras; devemos ser capazes de dominá-las e não mais permitir que nos dominem.

Na tentativa de reverter essa dependência, proponho a utilização da Arte-Educação como metodologia de ensino e aprendizagem, que trabalha efetivamente com ética, estética e com o resgate da sensibilidade humana. Dessa forma, será possível construir uma escola eficaz, ou seja, que acompanha o ritmo de desenvolvimento da sociedade e que seja menos pautada na absorção apenas de conteúdos. Além da mudança de olhar sobre o aluno, é importante que o mesmo seja estimulado a se ver capaz. Ao chegar à escola, sua autoestima está deveras comprometida, pois seus valores e saberes não são valorizados; ao contrário, são

¹⁹ BARBOSA, 1989, p. 21.

sobrepostos pelas “verdades” já prontas das escolas. João Duarte Junior, explica perfeitamente a intenção do surgimento e sustentação destas “belas mentiras”:

A visão transmitida pela escola é sempre a visão determinada pelas classes dominantes. Não interessa que as pessoas elaborem a sua visão de mundo, a partir da realidade concreta onde vivem. Importa, sim, a padronização do pensar, segundo os ditames da lógica de produção industrial. Todos devem ver o mundo de maneira como querem os dominantes, para que a atual situação se mantenha inalterada. Se cada um começasse a formular o seu pensamento de acordo com a sua situação existencial pode ser que descobrisse determinadas verdades que o fizesse lutar pela alteração desta situação. Daí o desinteresse da escola pela situação de cada um e a imposição de conceitos desvinculados de situações vividas. Aprende-se que “a família é a unidade harmônica da sociedade”, mesmo que a nossa esteja vivendo em total desarmonia. Aprende-se que o “índio e o negro são raças importantes e determinantes na formação do brasileiro”, mesmo que, atualmente eles estejam sendo dizimados e discriminados. Ou ainda aprende-se que “nos tornamos independentes como Nação em 1822”, mesmo que atualmente nossa economia esteja totalmente atrelada e dependente das grandes potências. A lista de “mentiras objetivas” fornecidas pela escola é infindável...²⁰

A Arte-Educação é então um suporte, ou melhor, um medicamento necessário para a retomada do nosso “DNA psicossocial“, pois trabalha em cima de pontos fundamentais na recuperação de nossa identidade biopsicossocial por meio do resgate da autoestima e da valorização de nossa identidade cultural. “Por isso que os objetivos, ao se desenvolver um trabalho de Arte-Educação, devem estar baseados na sustentação da sociedade e de seus valores culturais.”²¹

A Arte-Educação proporciona um contato direto com os sentimentos da nossa cultura e das demais, baseando-se nesse modelo educacional que busca um sentido individual para a existência, que seja particular de cada indivíduo.

Finalmente, chego à conclusão de que a arte está presente na história da humanidade desde os primórdios e que a proposta da utilização da arte-educação não é formar artistas, mas sim educar através da arte. Neste século XXI, considerado o do conhecimento, nosso sistema globalizado precisa de uma nova

²⁰ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 34.

²¹ DUARTE JUNIOR, 1988, p. 58.

escola, menos conteudista e mais humanizadora, afinal, educar é lapidar pedras que sempre foram preciosas usando ingredientes como a autenticidade, a liberdade e a solidariedade. Com isso, alimenta-se o espírito dos educandos e educandas, moldando assim seus corações e mentes.

II - ARTE- EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

1- O Conceito de Arte Educação

O presente capítulo discute mais conceitualmente o que vem a ser Arte-Educação. Trata-se de um instrumento que transporta o indivíduo – no caso o educando – da dimensão onírica à realidade, preparando-o para o exercício da reflexão crítico-criativa dos valores éticos e culturais que surgem no dia-a-dia e que dão origem às suas histórias de vida e, conseqüentemente, da humanidade.

Dessa forma, descobrimos que a Arte-Educação não é uma teoria educacional propriamente contemporânea. Constatamos que, no Brasil, só foi conceituada como ciência do ensino da Arte a partir de 1997. Isto aconteceu até por uma questão de influência econômica e de superposição de culturas, afinal, muitas vezes o que vinha de fora tinha mais valor e, conseqüentemente, havia um desrespeito por nossa realidade nacional – prova disso é que até 1970 não existia em nosso país nenhum livro de Arte-Educação traduzido.

A Arte-Educação, na contramão do que vinha sendo proposto, possui uma preocupação com as dimensões psicológicas, sociológicas e educacionais do educando; por isso, os arte-educadores estão mais preocupados com aspectos educacionais do ensino da arte do que com os processos de ensino do desenho, da pintura, da escultura, da gravura etc. Baseando-se nestes aspectos educacionais, Barbosa, afirma que:

A Arte-Educação tem o potencial de tornar-se um instrumento de ação cultural ou de mudanças sociais pelo desenvolvimento da percepção visual, da imaginação criativa, do desenvolvimento da

flexibilidade na resolução criativa de problemas de todo o tipo e da formação de valores estéticos que se refletem tanto no entorno humano e urbano quanto nas obras de arte.²²

A Arte-Educação torna-se complexa quando propõe uma unidade cultural que é o resultado do relacionamento dialético entre dois campos ideologicamente tão diversos: a arte e a educação. Ana Mae Barbosa define as duas muito bem quando diz que:

A arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações e, portanto, baseia-se principalmente em pensamento divergente, enquanto que educação, pela sua natureza conservatória, baseia-se na convergência do pensamento.²³

Baseando-se nestas definições, posso afirmar então que a educação funciona como um instrumento conservador da cultura, pois isso permanece no mesmo estado e não experimenta mudanças. Já a arte, como suporte de renovação cultural é anticonformista, por isso é dinâmica e provoca mudanças constantes. Contudo, a Arte-Educação, ao contrário do que muitos pensam, não realiza atividades aleatórias, sem intenção, mas sim “preocupa-se com o objetivo no processo da experiência, pois a atividade por ela mesma não consegue expandir a extensão e a acuidade da percepção do significado”.²⁴

A Arte-Educação trabalha as dimensões psicológicas e educacionais do aluno quando o encoraja à criatividade, daí surge a necessidade de se prender aos conteúdos afetivos e cognitivos. Segundo Bloon,²⁵ que realizou várias experiências nesta área, “a separação entre afetividade e cognição em uma ação educativa leva ao desequilíbrio no desenvolvimento interno, e tem sido apontada frequentemente como um perigo para a saúde mental”. É importante ressaltar que o ensino criativo não consiste apenas em criar novas habilidades, mas em dar estímulo, entusiasmo e satisfação à aprendizagem. Para William G. Vassar, na obra de Ana Mae:²⁶

²² BARBOSA, 1989, p. 56.

²³ BARBOSA, 1989, p. 37.

²⁴ BARBOSA, 1989, p. 09.

²⁵ *Apud* Barbosa, 1989, p.30.

²⁶ *Apud* Barbosa, 1989 p.20.

O ambiente criativo de ensino deve promover a criança com experiências ricas e com encontros que lhe permitam lidar com a fantasia, ser imaginativo, fazendo perguntas, maravilhando-se, investigando e testando suas próprias idéias e sentimentos contra os fatos.²⁷

Todos estes aspectos atingem tanto o domínio afetivo como o cognitivo. É fundamental destacar que, neste processo, o professor e a professora têm papel importantíssimo, pois os processos mentais dos alunos e alunas resultam dos métodos usados pelos docentes. Através do método que usa, o educador é o agente provocador deste ou daquele comportamento mental. Sendo assim, podemos afirmar que a criatividade só será desenvolvida se os processos mentais (afetivo e cognitivo) forem disciplinarmente planejados e trabalhados.

Como visto, este processo resulta em uma mudança social, pois a leitura de mundo, tão bem definida por Paulo Freire²⁸ como sendo a “compreensão do contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”, passa a ser valorizada não só pelo professor e professora, mas principalmente pelo aluno e aluna, que se percebem capazes e conseqüentemente sujeitos modificadores da realidade.

O primeiro ponto para a retomada da autoestima é a valorização das identidades pessoais e grupais, considerando o ambiente social, a vivência, ou seja, a bagagem do educando; lembramos que a importância da identidade ou identificação se fundamenta na psicanálise²⁹, como vem ocorrendo nas nossas escolas. Sérgio Coelho Borges de Farias afirma que:

A sociedade brasileira, fundada numa estrutura social de contrastes, desigualdades e injustiças, encontra-se ainda baseada num sistema de barreiras que dificultam ou praticamente impedem a autonomia e a progressão social de amplos setores da população. Um dos suportes desse quadro de relações de dependência e de dominação é o sistema de educação formal, depara-se com um ensino de baixa qualidade, que, em geral, ignora ou nega as identidades individuais e

²⁷ BARBOSA, 1989, p. 24.

²⁸ FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia (saberes necessários à prática educativa). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 8.

²⁹ Segundo a psicanálise, fase edípica é um conceito central do entendimento que a criança tem de si mesma. No início, identifica-se sexualmente como masculino e feminino; posteriormente, esta auto-identificação pode ser reforçada (valorizada) ou simplesmente ignorada.

grupais, e não considera o ambiente social e a cultura própria do educando.³⁰

Para a mudança desse paradigma que reforça a desigualdade, a Arte-Educação desempenha um papel fundamental, pois valoriza a identidade do educando e conseqüentemente eleva sua autoestima acentuando valores humanísticos; preocupa-se em formar sujeitos empreendedores, com muitas habilidades, principalmente as que são responsáveis pela dominação e a distribuição das informações, que infelizmente ainda hoje são instrumentos de manipulação e dominação sobre a grande maioria da população.

Com o objetivo de acabar com esta sobreposição de identidades, a educação através da arte educa para a cidadania, critica o perfil assistencialista e desqualificado da escola pública destinada às camadas populares. Em vez disso, há uma real democratização das informações proporcionando a superação da condição subalterna em que estão inseridos e criando caminhos para a autonomia da população.

Sabemos que educar para a cidadania é bastante complexo e muitas vezes subjetivo. No entanto, para alcançar o real objetivo de formar cidadãos engajados, a cidadania deve ser praticada e não apenas teorizada, como vem sendo feito até agora nas instituições educacionais na base do: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.”

Infelizmente, este novo paradigma não é aplicado em todas as escolas. Embora nos Parâmetros Curriculares Nacionais já se discuta uma concepção contemporânea da disciplina de Artes, a título de ilustração destacamos o capítulo sobre Artes que inicia afirmando que as “artes plásticas e audiovisuais, a música, o teatro e a dança podem favorecer a formação da identidade e fecunda no jovem a consciência de uma sociedade multicultural”.³¹ Acrescenta ainda que a arte deve

³⁰ FARIAS, Sérgio Coelho Borges. A performance como recurso para formação de atores. **Repertório** n. 3, Salvador, Bahia: Programa de PG em Artes Cênicas da UFBA, 1999. p. 10-25.

³¹ BRASIL. Ministério de Educação, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999, p. 88.

ser trabalhada com os estudantes do Ensino Médio – PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais); a disciplina de artes compõe a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e é considerada como linguagem, ou seja, como uma forma de comunicação humana, presente nos valores culturais e estéticos.

A palavra arte, derivada do grego, significa “sentir” e envolve um conjunto, uma rede de percepções presentes em diversas práticas e conhecimentos humanos – embora no próprio texto alguns teóricos afirmem que a arte possui um sentido muito mais abrangente e envolve múltiplas relações, não apenas a linguística.

A partir de 1982, a fim de evitar distorções no processo de ensino e aprendizagem de artes, foram organizadas associações de arte-educadores em diversos Estados brasileiros. A Universidade de São Paulo (USP) criou o programa de pós-graduação na área. Em 1987 foi realizado o primeiro Congresso de Arte-Educação no Brasil para discutir a formação dos que trabalham com artes no País. Estas ações resultaram na conquista de que a partir da LDB de 1996, Lei 9394 (Art. 26, parágrafo 2) a Arte se tornasse disciplina obrigatória nas escolas de Educação Básica do Brasil.

Contudo, este movimento não resultou na simples inclusão da Arte como disciplina obrigatória, mas sim na necessidade de construção coletiva de uma história contemporânea de aprendizagem de diversas linguagens artísticas, pois são urgentes estudos, pesquisas, discussões, mudanças profundas nos valores, conceitos e práticas que sustentem a presença da arte, de suas linguagens, de seus modos de conhecer contemporâneos em nossas escolas. Como reforço a esta idéia, os próprios PCNEM , afirmam que:

Arte é considerada particularmente pelos aspectos estéticos e comunicacionais. Por ser um conhecimento humano articulado no âmbito sensível-cognitivo, por meio da arte manifestamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação sobre o mundo da natureza e da cultura. Isso tem ocorrido com os seres humanos ao longo da história.³²

³² BRASIL, 1999, p. 92.

Em outros termos, significa que a arte, ou seja, as produções artísticas são um conjunto de idéias elaboradas de maneira sensível, imaginativa e estética por seus produtores ou artistas. É importante ressaltar que, ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais³³.

Por experiências estéticas de homens e mulheres entende-se a extensão dos vários âmbitos de seu existir, de seu saber, de sua identidade, enfim, de seu humanizar-se. Nos processos de produção e apreciações artísticas em múltiplas linguagens, enraizadas em contextos socioculturais, as pessoas experimentam suas criações e percepções estéticas de maneira mais intensa, diferenciada.³⁴

Esse conhecimento, ou seja, esse conjunto sensorial-de-idéias aparece no produto de arte enquanto está sendo feito e depois de pronto a ser socializado (dividido) com mais pessoas. Essa sabedoria de expor sensibilidades e idéias estéticas na obra de arte é aprendida pelo produtor de arte ao longo de suas relações interpessoais, intergrupais e na diversidade sociocultural em que vive. Toda esta dinâmica faz com que os modelos preestabelecidos e impostos pelos dominantes deixem de ter valor e o estudante se vê e se sente capaz; com isso, sua criatividade e sua sensibilidade afloram. Isso quer dizer que a arte-educação proporciona a dialética entre intelecto e intuição, conforme Sérgio Coelho Borges Farias, nos alerta:

É fundamental para que o indivíduo exerça sua capacidade de imaginação. A capacidade de perceber o mundo e criticá-lo permite discernir padrões adequados de ação social, abstrair princípios norteadores de conduta, estabelecer analogias, criar modelos próprios, individuais e coletivos, e promover inovações construtivas.³⁵

Esta afirmação de Sérgio Farias vai ao encontro da proposta contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O intuito do processo de ensino aprendizagem de arte é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade.³⁶

³³ BRASIL, 1999, p. 93.

³⁴ BRASIL, 1999, p. 87.

³⁵ FARIAS, 1999, p. 10-25.

³⁶ BRASIL, 1999, p. 98.

Os Parâmetros acrescentam ainda que a arte-educação não é um fazer desprovido de intenções; pelo contrário, o fazer/criar deve ser contextualizado e intencional, “pressupondo níveis de análise e categorização dos elementos materiais ideais, a serem escolhidos e manipulados pelo aluno no processo criativo”. Deve-se lembrar que “pensar sobre arte e aprender a fazer arte requer experiências organizadas de forma sistemática.”³⁷

Posso observar, com isso, que a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) vai ao encontro das propostas de Ana Mae Barbosa e Sérgio Coelho quando afirma que o cognitivo/afetivo, ou o intelecto/intuição ou ainda o sensível/cognitivo são fundamentais para que os seres humanos enfrentem situações complexas. Para que isso ocorra o ensino de arte deve articular conceitos, procedimentos e valores que conduzirão o estudante ao fazer, ao fruir, ou seja, a desfrutar e refletir sobre arte, respeitando suas particularidades intrínsecas. Para o desenvolvimento de competências e habilidades três grandes eixos servem de base. São eles: representação e comunicação: composto por linguagem verbal, não verbal e digital, signo e símbolo, denotação e conotação, gramática, texto, interlocução, significação e dialogismo, protagonismo; investigação e compreensão: composto por análise e síntese, correlação, identidade, integração classificação e hipertexto; contextualização sociocultural: composto por cultura, globalização versus localização, arbitrariedade versus motivação de signos e símbolos, negociação de sentidos, significado e visão de mundo, desfrute “fruição”, ética e cidadania, conhecimento, dinâmica e construção coletiva, imaginário coletivo.

Para alcançar todas as competências e habilidades, é fundamental que os princípios orientadores das práticas educativas, em arte, sejam próximos da realidade dos alunos; para isso, a equipe escolar deve conhecer e discutir as características da cultura juvenil em geral e as particulares do local onde se encontra a escola. A partir daí, deve-se criar projetos educacionais que contemplem a participação do maior número possível de docentes responsáveis pelas várias

³⁷ BRASIL, 1999, p. 99.

disciplinas. “Sem perder a clareza das características individuais de cada uma delas, é possível ousar contatos entre as suas diversas fronteiras de conhecimento e entrelaçá-las quando a serviço do alargamento cultural dos alunos” como é muito bem frisado nos PCNEM ³⁸.

Este é o momento de trânsito das várias áreas de conhecimento, buscando uma educação transformadora e responsável, preocupada com a formação e identidade do cidadão, “fecundando uma consciência de uma sociedade multicultural, onde o aluno confronte seus valores, crenças e competências culturais no mundo no qual está inserido.” ³⁹ Isso desperta no educando o reconhecimento da importância e da necessidade de uma reflexão sobre suas próprias atitudes de maneira crítica e analítica, saindo do campo do “achismo” e realizando a interpretação e emissão de juízo de fatos baseando-se em critérios sólidos e coerentes como próprio objeto submetido à fruição, apreciação e análise. Percebemos, contudo, que o campo da apreciação é o forte do processo de produção artística; isso ocorre quando os diversos saberes, socialmente reconhecidos, se apresentam na concretização das análises. De acordo com os PCNEM: “Desta apreciação, construída sobre os saberes e competências de análise, reflexão e compreensão, surge uma produção que pode ser permanentemente aprimorada”.⁴⁰ Outro objetivo que se pretende alcançar é que os alunos e alunas aprendam a valorizar a produção artística dos múltiplos grupos sociais, em tempo e espaço diferenciados, com devido respeito e atenção, no que se refere às suas qualidades específicas enquanto manifestação, gerando tanto a fruição/apreciação quanto o cuidado com a preservação destas manifestações artísticas e estéticas. De maneira geral, pretende-se alcançar com a participação efetiva da arte-educação em nossas escolas “uma sensibilidade estética, da cidadania contemporânea e da ética construtora de identidades”.⁴¹

³⁸ BRASIL, 1999, p. 100.

³⁹ BRASIL, 1999, p. 100..

⁴⁰ BRASIL, 1999, p. 103.

⁴¹ BRASIL, 1999, p. 108.

Para que os alunos e alunas pratiquem suas sensibilidades expressivas em arte e como cidadãos é fundamental que seus professores possam se aperfeiçoar nesse mesmo exercício, sem desconsiderar com as competências profissionais de cada um. Para isso, a formação continuada de professores é indispensável na melhoria sustentável em ações nacionais, regionais e locais. Isso implica uma valorização do arte-educador, melhorando sua qualidade de estudo e salário.

Sabemos, contudo, que só essa revalorização do profissional da educação não será o suficiente. É importante uma reinvenção de todo o processo educacional, pois infelizmente, nos dias de hoje, nossas escolas desenvolvem o que João Francisco , denomina de técnica do esquarteramento mental, quando afirma que:

Nossas escolas iniciam-nos, desde cedo, na técnica do esquarteramento mental. Ali devemos ser apenas um homem pensante. As emoções devem ficar de fora das quatro paredes das salas de aula, a fim de não atrapalharem nosso desenvolvimento intelectual.

A educação, que deveria significar o auxílio aos indivíduos para que pensem sobre a vida que levam, que deveria permitir uma visão do todo cultural onde estão, se desvirtua nas escolas. Impõe-se uma visão de mundo e transmitem-se conhecimentos desvinculados das experiências de vida. Em suma: preparam-se pessoas para executar um trabalho parcializado e mecânico, no contexto social; pessoas que se preocupam apenas com o seu trabalho (com seu lucro) sem perceber como ele se liga a todos os outros no interior da sociedade. No fundo isto se constitui mais num adestramento do que numa educação.⁴²

Na tentativa de reverter esse processo surge a Arte, que transcende as barreiras do tempo e das classes sociais e é um belo passaporte para que o aluno entenda o ontem, se veja no hoje e modifique o amanhã. A arte permite que o educando exprima seus sentimentos, angústias e necessidades em relação ao contexto histórico em que vive. Além do mais, a arte é considerada como uma linguagem universal do sentir e por isso é capaz de quebrar as barreiras impostas pelas diferentes línguas. João Duarte Junior , em uma de suas obras, explica muito bem esta universalização de sentimentos através da arte:

⁴² DUARTE JUNIOR, 1996, p. 70.

Em termos interculturais a arte também apresenta um importante elemento pedagógico. Na medida em que nos seja dado experienciar produção artística de outras culturas, torna-se mais fácil a compreensão dos sentidos dados à vida por essas culturas estrangeiras. Através da arte se participa dos elementos do sentimento que fundam a cultura alienígena em questão, o que é o primeiro passo para que se interprete as suas mensagens e significações. Há uma certa universalidade nos símbolos artísticos, que permitem que as barreiras, impostas pelas línguas diferentes sejam derrubadas.⁴³

Ante o exposto destas constatações surge o questionamento do papel da escola, enquanto instituição formal de ensino. De acordo com as últimas estatísticas, a escola não tem formado cidadãos pensantes e críticos; apenas escolariza, e por isso, tem valor apenas para os dominadores, possuindo um caráter “burrocratizante”, rotinizador e adestrador, sendo como uma prisão que aprisiona o tempo, a imaginação e o movimento das pessoas. Isso é causado pela separação que as nossas escolas fazem entre a razão e a emoção, como bem explica João Duarte Junior :

Assim, em nosso ambiente escolar, essa separação razão-emoção é não só mantida como estimulada. Dentro de seus muros o aluno deve penetrar despindo-se de toda e qualquer emotividade. Sua vida, suas experiências pessoais não contam. Ele ali está apenas para “adquirir conhecimentos”, sendo que adquirir conhecimentos, neste caso, significa tão somente “decorar” fórmulas e mais fórmulas, teorias e mais teorias, que estão distantes de sua vida cotidiana. Por isso, pouca aprendizagem realmente ocorre em nossas escolas: somente se aprende quando se parte das experiências vividas e sobre elas se desenvolve a aplicação de símbolos e conceitos que as clarifiquem.⁴⁴

A arte-educação, portanto, transcende o sentido “restrito” da produção artística porque não se pretende prender-se ao purismo estético ou ao aprofundamento da linguagem em si. O objetivo não é formar artistas, e sim utilizar a arte e suas inúmeras linguagens, redimensionando os estágios de construção das produções artísticas, valorizando cada etapa e tendo como enfoque central o próprio indivíduo, o sujeito. Este, a partir da sua criatividade, estabelece uma relação ética, um vínculo muito pessoal com o produto e revê a sua própria atuação e identidade.

⁴⁴ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 34.

Isso faz da arte uma ferramenta para o alcance dos propósitos muito mais pedagógicos e vivenciais do que estilísticos ou estéticos. Faz-se necessário ressaltar que o objetivo da formação, nesse caso, não é a profissionalização do artista, mas a oportunidade de experimentar a criação e conseguir estabelecer, a partir dela, uma leitura crítica do mundo à sua volta. O que proponho, a princípio, pode parecer utópico, mas não é. E por isso concordo com Paulo Freire quando ele diz:

Para mim utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo; é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também compromisso histórico. ⁴⁵ É preciso a utopia que denuncia para que surja a utopia que anuncia.

Concluí que nesta empreitada para a formação de um novo ser humano para os próximos séculos a arte-educação desempenha um papel fundamental. Nas culturas primitivas, por exemplo, a educação era transmitida através de experiências vividas pelos mais velhos e a arte reforçava estas vivências através de desenhos, danças, música etc. Isso quer dizer que apesar das diferenças nas crenças e nos costumes uma característica era comum a todas elas: a arte. Em relação a isto, João Duarte Junior acrescenta:

É provável que nos primórdios a arte esteve ligada às manifestações religiosas das tribos primitivas. Ambas- arte e religião- constituíam um todo indivisível, que só posteriormente foi partido em dois fenômenos distintos. O esforço humano para ordenar e dar um sentido ao universo encontrou nesta “arte-magia” primitiva um poderoso meio de ação. Através dela a imaginação humana podia se tornar concreta, isto é: a capacidade original do cérebro de produzir imagens em ações e produtos gravados no mundo.⁴⁶

Esta produção de imagens mentais foi o primeiro passo na criação não só da arte, mas também da linguagem, que é visto como um modelo simplificado do comportamento simbólico humano e representado pela palavra (linguagem). Através

⁴⁵ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 33.

⁴⁶ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 38.

da linguagem o homem conceitua e valoriza sua existência e, fazendo uso das palavras, tenta efetuar um resumo fragmentado das suas sensações. É importante ressaltar que tudo o que nos acontece e nos rodeia primeiramente é atingido pelos nossos sentimentos e posteriormente pela razão; o sentimento é a primeira forma de apreensão do mundo e a linguagem tem a função de traduzir estas sensações, estes sentimentos. Como a linguagem mais comum que utilizamos é a palavra e esta é bastante limitada para nos expressarmos, acabamos utilizando metáforas (figuras de linguagem) para tentar exprimir melhor nossos sentimentos. Mesmo assim, “os símbolos linguísticos são incapazes de nos apresentar integralmente os sentimentos; a arte surge numa tentativa de fazê-lo. A arte é algo assim como a tentativa de se tirar um instantâneo do sentir.”⁴⁷

2- A Aplicabilidade da Arte-Educação na Escola

A verdadeira intenção da arte não é reproduzir significados, mas expressar os sentimentos. A arte não é considerada como linguagem porque suas formas de expressão não são consideradas como símbolos convencionais. Sendo assim, podemos afirmar que “a arte concretiza os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-los. As formas da arte como que representam os sentimentos humanos.”⁴⁸ Tentando ser mais clara e ainda usando as palavras de João Duarte Junior :

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar frente a formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que parece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas desta rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar, são os artistas⁴⁹.

Um dos ingredientes mais importantes da arte é a imaginação, uma capacidade fundamentalmente humana “capaz de situar a sua ação num mundo que

⁴⁷ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 43.

⁴⁸ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 48.

⁴⁹ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 48.

entende os seus limites para além da imediatividade do presente e da materialidade das coisas. O homem cria um universo significativo, em seu encontro com o mundo e através da imaginação.”⁵⁰

É importante frisar que o ato da criação em todas as áreas é muito mais produto de sentimentos, de intuições do que de operações lógicas. Qualquer ato criativo é sempre subversivo, pois visa alterar o já existente. A rebeldia é pré-requisito de qualquer ato criativo. Apesar de todas estas informações e conhecimentos, a nossa sociedade moderna industrial se estruturou sob três pilares básicos: valor demasiado à razão, ao trabalho, e propensão a ver a natureza como infinita. Isso quer dizer que tudo deve ser visto e entendido através da razão, pois a mesma é capaz de resolver e explicar qualquer problema; quanto ao trabalho, torna-se fundamental para a produção de produtos manufacturados. A consequência caótica da aplicação destes três pilares é bem explicada por João Duarte Junior :

O primeiro desses postulados nos conduz a uma civilização racionalista, isto é, que hipertrofia a razão em detrimento das dimensões básicas da vida: os valores e as emoções. O segundo nos leva a relegar o lúdico (o jogo, o brinquedo) e o estético a posições inferiores; relegá-los a se tornarem meras atividades de lazer, quando se tem tempo para tal. Enquanto o terceiro gera um sistema de produção que deve se manter em perpétuo crescimento; não se produz para suprir as necessidades humanas, mas pelo contrário, deve-se criar novas necessidades nos homens, para então vender-lhes os novos produtos.⁵¹

Além disso, o aumento da violência nos dias de hoje está diretamente ligado à supervalorização da razão, sem contar que algumas formas de extravasamentos utilizados estão diretamente ligadas ao consumo de drogas. Depois de todas estas constatações, encontramos aliados como a beleza e a imaginação sendo resgatados através da arte-educação. A este respeito Duarte Junior e suas interrogações acrescenta:

Por que não educar as novas gerações evitando-se os erros que viemos cometendo? Por que não se entender a educação, ela mesma, como algo lúdico e estético? Por que, ao invés de fundá-la

⁵⁰ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 52.

⁵¹ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 63-64.

na transmissão de conceitos apenas racionais, não fundá-la na criação de sentidos a partir da situação existencial concreta dos educandos? Por que não uma arte-educação? ⁵²

É através da arte-educação que somos convidados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos sem nos preocuparmos em traduzi-los. “A arte desperta o indivíduo para que dê mais atenção ao seu próprio processo de sentir, sobre o qual se elaboram todos os outros processos racionais.”⁵³ Além disso:

O convívio com a arte aprimora o mundo dos sentimentos, essa educação dos sentimentos não significa repressão, mas sim conhecer as próprias emoções e ver neles os fundamentos de nosso próprio “eu” é a tarefa básica que toda escola deveria propor, se elas não estivessem voltadas somente para preparação de mão de obra para a sociedade industrial. ⁵⁴

Na escola não se valorizam os sonhos e as fantasias; lá nada se cria, apenas se reproduz o que já existe, esquecendo-se que são nossos sonhos e projetos que movem o universo. Pautados nessas afirmações e nos acontecimentos mundiais, podemos afirmar que nossa sociedade encontra-se distante de um equilíbrio.

Se já sabemos que o processo de conhecimento, ou seja, a aprendizagem se dá entre o que sentimos (nossas vivências) e o que pensamos (símbolos), a arte-educação então constitui um instrumento fundamental, pois permite acessar situações diversas através do sentimento, construindo bases para uma compreensão ampla de diversas situações. “A arte-educação permite ainda uma maior vivência dos sentimentos e, desta forma, abranger o processo da aprendizagem como um todo, e não apenas em sua dimensão simbólica, verbosa, palavresca, como insiste a escola tradicional.” ⁵⁵

Além disso, a arte é capaz de registrar toda a história da nossa humanidade, pois retrata uma personalidade cultural de vários contextos históricos, proporcionando assim uma visão de estilos do todo. Sem contar que por se tratar de

⁵² DUARTE JUNIOR, 1996, p. 64.

⁵³ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 52.

⁵⁴ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 67.

⁵⁵ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 69.

uma linguagem universal do sentir, as barreiras impostas à arte pelas diferentes línguas deixam de existir. É importante ressaltar que a função da arte-educação não é formar artistas, mas proporcionar uma visão mais ampla do fenômeno educacional. Complemento isso utilizando as palavras de João Duarte Junior :

Este fenômeno deve ser considerado não apenas como uma forma de transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano, um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares. Na arte-educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo a sua volta. A finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética.⁵⁶

Esta consciência estética é, nada mais nada menos, do que desenvolver uma atitude harmoniosa e equilibrada diante do mundo, onde os sentimentos, a imaginação e a razão se integrem, e os sentidos e valores dados à vida sejam assumidos no dia-a-dia. João Duarte Junior define muito bem esta consciência estética quando afirma que: “Consciência estética significa uma capacidade de escolha, uma capacidade crítica para não apenas se submeter à imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los segundo nossa situação existencial.”⁵⁷

Explicando melhor, esta nova concepção põe em xeque a estrutura das nossas escolas, onde o ensino é despejado através de respostas pré-fabricadas e de questões totalmente irrelevantes para os alunos, que deixam de lado a atividade lúdica da escola e também as relações estabelecidas através do diálogo. Baseando-me nesta concepção, comungo com João Duarte Junior quando este faz as seguintes afirmações sobre o papel da escola e do verdadeiro educador:

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brinquedo, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido – do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida. No espaço educacional comprometemo-nos com nossa “visão de

⁵⁶ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 72.

⁵⁷ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 73.

“mundo”, com nossa palavra. Estamos ali em pessoa- uma pessoa que tem seus pontos de vista, suas opiniões desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de idéias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente.⁵⁸

A funcionalidade desta nova concepção consiste em implantar em cada unidade escolar uma equipe de docentes de artes das áreas de música, teatro e artes-plásticas que tenham horários diferenciados no turno oposto. Quanto à metodologia, deve ser centrada na valorização das produções dos educandos e educandas, abolindo de vez os desenhos prontos, que só servem para limitar a criatividade dos alunos e alunas. A avaliação deve ser basicamente qualitativa, afinal, a criatividade não tem como ser quantificada, pois “a arte-educação não se importa tanto com os produtos finais, mas sim com o processo de criação e expressão.”⁵⁹ Além do mais, os padrões de beleza devem ser revistos, pois atualmente estão baseados no que os adultos acreditam ser belo; tal beleza é imposta pela televisão, que sufoca as tradições culturais em nome do modernismo. “O resultado disto é o abandono de padrões pessoais e regionais de expressão. É o nivelamento cultural por baixo. É a imposição de uma forma de expressão “importada”, que pouco tem a ver com as paixões e desejos de cada um.”⁶⁰

No processo de reversão desta estrutura social a escola é fundamental, e João Duarte Junior defende esta teoria “com determinação” ao afirmar que:

É preciso, sempre e sempre, denunciar-se esta educação voltada à submissão, à docilidade. Lembremo-nos: o ato criador é rebelde e subversivo – é, sobretudo, um ato de coragem. Coragem de não se aceitar o estabelecido, propondo uma nova visão, uma nova ordem, uma nova correlação de forças. É preciso destruir esta visão de educação como uma guerra entre professores e alunos.⁶¹

É interessante notar que todos estes argumentos utilizados para reforçar a importância da arte-educação, ou seja, do conhecimento humano sensível-cognitivo,

⁵⁸ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 74.

⁵⁹ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 82.

⁶⁰ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 83.

⁶¹ DUARTE JUNIOR, 1996, p. 84.

particularmente estético e comunicacional, se mostram de extrema urgência na construção da nova história da aprendizagem cultural dos jovens brasileiros. Isto porque no mundo contemporâneo o maior desafio do homem é humanizar os seres humanos e as relações sociais.

III - HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Neste capítulo, retrato a História das histórias de vida, que são apresentadas para maior aprofundamento da pesquisa. Julgo-me privilegiada de, além de fazer parte da vida dessas pessoas, poder ser uma porta-voz destas vozes que ao longo da História foram caladas, sufocadas, reprimidas. Tais histórias ocorreram na Ilha de Itaparica, localizada na Região Metropolitana de Salvador, BA.

No começo era Vila de Itaparica. Conforme Silvio Rabelo:

Cada homem pertence a uma terra, vive nas suas tradições e seus mortos das suas crenças, das suas lendas, das sensações de sua gente, das suas árvores, das suas cores e dos seus sons sem se dar conta, por isso tão naturalmente como se ele próprio fosse um simples elemento da paisagem.⁶²

Como professor, Rabelo buscou incessantemente e por todos os meios inculcar na alma da criança itaparicana o amor pela sua terra. Essa é uma preocupação que até hoje buscamos trabalhar, sobretudo no que diz respeito à questão ambiental.

A história da Ilha de Itaparica tem início no século XVI e de acordo com Rabelo:⁶³ “devido a sua diversidade, em vários aspectos, é sem dúvida a mais encantadora Ilha do Brasil.” Possui em sua extensão 36 km de comprimento e 21 km de largura e é cercada por uma orla de arrecifes.

⁶² RABELO, apud OSÓRIO, Ubaldo. **A Ilha de Itaparica: histórias e tradições**, Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1972, p. 19.

⁶³ RABELO, apud OSÓRIO, 1972, p. 24.

Tudo teve início em 10 de maio de 1501, com a partida, de Lisboa, da esquadra organizada por El Rei D. Manuel com o intuito de reconhecer as riquezas da nova terra “descoberta” por Pedro Álvares Cabral: e exatamente no dia 1º de novembro de 1501, entrou na baía esta esquadra e a batizou de Baía de Todos os Santos, pois Américo Vespúcio, o cosmógrafo, viajava com o calendário religioso na mão e nomeava todas as descobertas com o nome do Santo do dia. Além do mais, Itaparica lembrava a formosa Caparica, de Portugal.

Contudo, de acordo com o autor “existem várias e desencontradas versões sobre o nome que a Ilha de Itaparica primitivamente recebera, pois nos antigos mapas da Baía de Todos os Santos encontra-se o nome de Taparica”. Muitos anos depois, foram encontrados documentos oficiais com o nome Itaparica.

Consta, ainda, da obra de Osório que “Teodoro Sampaio, tupinólogo de grande fama, nos diz no seu livro – O Tupi na Geografia Nacional – ser Itaparica, ou Ita-pari, uma palavra de origem tupi que significa: tapagem de pedra ou cerca feita de pedras.”

Logo após a chegada de Cabral em terras brasileiras, Martim Afonso de Souza, chefe da primeira expedição colonizadora veio ao Brasil e, segundo o autor, possuía as seguintes características: “moço, capaz, ambicioso e sem demasiados escrúpulos.”

Em 13 de março de 1531, Martim Afonso encontrou Diogo Álvares, que havia naufragado na primeira década do descobrimento e era mais vulgarmente conhecido como Caramuru, e se casou com Paraguaçu, a filha de Taparica.

El-Rei D. João III doou em 5 de abril de 1534 a capitania da Bahia a Francisco Pereira Coutinho. Segundo o autor, a doação foi assinada em 26 de agosto de 1535 e o donatário foi infeliz na sua donataria, pois teve de apaziguar várias lutas em 1547. Após a pacificação, o mesmo voltava de Porto Seguro, onde se havia refugiado, para a sede da sua capitania e naufragou nos recifes de pinaúnas, na costa da Ilha de Itaparica, tendo sido trucidado nas praias de Aratuba pelos Tupinambás, senhores da mesma ilha.

Os índios Tupinambás, que habitavam a Ilha de Itaparica, chamavam-na de Caramurê e ignoraram completamente o dia da instalação oficial da cidade, que foi a primeira capital do Brasil. Em 13 de julho de 1553 chegou à Bahia o 2º governador-geral do Brasil, D. Duarte da Costa, o qual trouxe consigo novos evangelizadores, entre eles um dos mais conhecidos na nossa história: José de Anchieta. Seu governo ficou conhecido como governo de inquietações devido a desentendimentos constantes entre o governador e o bispo.

No reinado do filho de D. Manuel – conhecido como O Venturoso – teve início a colonização da Ilha de Itaparica.

Os Tupinambás são descritos por Gabriel Soares em seu Tratado Descritivo do Brasil da seguinte forma:

Os Tupinambás são homens de meã estatura, de cor muito baça, bem feitos e bem dispostos, muito alegres de rosto, e bem assombrados; todos tem bons dentes, alvos miúdos, sem lhe nunca apodrecerem, tem as perna bem feitas, os pés pequenos; trazem o cabelo da cabeça sempre aparado, em todas as outras partes do corpo os não consentem e os arrancam como lhes nascem, são homens de grandes forças e de muito trabalho; são muito belicosos, em sua maneira esforçados, e para muitos ainda que atraídoados, são muito amigos de novidades e demasiadamente luxuriosos. Grandes caçadores e pescadores e amigos de lavouras. Quando estas índias entram em dores de parir, não buscam parteiras, não se resguardam, nem fazem outras cerimônias, parem pelos campos e em qualquer outra parte como uma alimária; e em acabando de parir, vão ao rio ou a fonte onde se lavam e as crianças que pariram; e vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede onde está muito coberto até que seca o umbigo da criança.⁶⁴

Da relação das índias com os portugueses surgiram os “mamelucos” que, segundo o autor, possuíam “um tipo notável pelo arrojo psíquico, pela resistência orgânica e pelos traços antropológicos.”⁶⁵

Logo após a morte de Taparica, mais precisamente em 1560, Antônio Pires e Luiz Rodrigues aportaram na Ilha de Itaparica no alto de uma colina e deram início a

⁶⁴ SOARES, apud OSÓRIO, 1972, p. 31.

⁶⁵ OSÓRIO, 1972, p. 33.

um povoado denominado Senhor de Vera Cruz. Um ano antes, os índios do Paraguaçu atacaram a Ilha matando alguns de seus moradores.

Em 9 de junho de 1597 morreu José de Anchieta, a figura que mais entendeu os indígenas e que mais participou da sua intimidade. Além disso, Anchieta nos deixou, nas suas cartas preciosas, “uma das fontes mais seguras do primeiro século colonial.”⁶⁶

No século XVII – mais precisamente em fevereiro de 1600 – os holandeses aportaram em Itaparica. Este século ficou marcado por várias invasões à Ilha de Itaparica; porém, a mais devastadora foi sem dúvida em 8 de fevereiro de 1647, em que a Ilha foi assaltada pelos flamengos, os quais assassinaram quase toda a população local, inclusive crianças e mulheres.

Tradições religiosas, como o candomblé, foram mantidas por várias gerações e, em 1888, quando foi proclamada a Abolição da Escravatura no Brasil, o número de escravos já estava muito reduzido em Itaparica. Contudo, não podemos esquecer que “o negro na América Portuguesa foi o maior e o mais plástico colaborador do branco na obra da colonização agrária”, segundo Gilberto Freyre.⁶⁷

No intuito de ilustrar e reafirmar a condição da chegada dos negros ao Brasil, afirma Darcy Ribeiro:

A expansão oceânica européia, iniciada pelos ibéricos, torna-se nesse passo, uma empresa coletiva que multiplica colônias escravistas, mercantis e de povoamento por todo o mundo, acelerando a ação do processo civilizatório capitalista mercantil, já agora com o mais vasto dos movimentos de atualização histórica. Com o seu desencadeamento, milhões de homens foram trasladados de um continente a outro. As matrizes raciais mais díspares foram caldeadas e os patrimônios culturais mais divergentes foram afetados e remodelados. As conquistas culturais, principalmente tecnológicas, de todos esses povos começaram a confluir, lançando as primeiras bases de uma reordenação unificadora do patrimônio cultural humano. Nesse processo, milhares de povos atados a formações tribais, aldeãs, pastoris, rural-artesaniais, bem como antigas civilizações, tanto as vigorosas como as já estagnadas em regressões feudais, foram integradas num sistema econômico de base mundial, como sociedades subalternas e

⁶⁶ OSÓRIO, 1972, p. 47.

⁶⁷ FREIRE, *apud* OSÓRIO, 1972, p. 332.

culturas espúrias. Sua razão de existência deixara de constituir a natural reprodução do seu modo de ser, para se converter no fator de existência e no instrumento de prosperidade dos centros metropolitanos que geriam os seus destinos.⁶⁸

Os negros que aqui habitaram foram trazidos da costa da África por volta do século XVII e introduziram na Ilha o candomblé com seus Babalaôs, seus Oxoguns e suas Iyalorixás. Contudo, é o sincretismo religioso que até hoje está presente na Bahia e na Ilha. Prova disso é a confissão que uma negra fez a Gilberto Freyre “que rezava todo o santo dia, o seu Padre-Nosso e a sua Ave-Maria. Mas quando em situação de angústia, as suas orações deixavam de ser a Deus e a Virgem para serem aos santos da sua cor.”⁶⁹

Outro costume de origem africana incorporado à nossa cultura foi a capoeira – trazida à Bahia pelos angolanos. Durante muitos anos, a capoeira foi marginalizada e hoje é considerada patrimônio cultural da humanidade. O maculelê foi outra dança de golpes e rebatidas bem populares na ilha e dos brigões da Ponta da Baleias (Ilha de Itaparica). Para livrarem-se dos perigos, recorriam também às orações ensinadas pelos mandingueiros que possuíam rezas para o tratamento de vários males: reza contra o olhado, dor de dente, pontadas, dor de cabeça, azia, bicheiras etc. Ainda hoje estas manifestações são encontradas na comunidade e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

Os mestiços tiveram intensa participação na vida política da Bahia e do Brasil apesar da ordenação de 1726, que vedava o exercício dos cargos municipais aos mulatos e aos brancos casados com mulheres negras.

Mas, infelizmente, os negros foram trazidos para cá sem sua livre e espontânea vontade na condição de escravos e, segundo Nelson Sodré “a escravidão do negro no Brasil começou no nordeste da cana de açúcar.”⁷⁰

⁶⁸ RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório**. São Paulo: Vozes, 1978, p. 23.

⁶⁹ OSÓRIO, 1972, p. 332.

⁷⁰ SODRÉ, apud OSÓRIO, 1972, p. 342.

Roberto Simonsen calculou que, apenas para se ter uma ideia, “o Brasil importou da África três milhões e trezentos mil escravos entre os séculos XVII e XIX.”⁷¹

Mais especificamente, “na ilha, em 1844, tínhamos cerca de dois mil escravos africanos empregados nas fazendas, nos engenhos nos alambiques e nas caieiras.” Os negros na condição de escravos, em todo Brasil, sofreram de maus tratos e tormentos incriveis, como por exemplo, a tortura da sede e da fome. Foram amarrados com ferro em brasa, isso quando não eram castrados pela faca ou pelo macete.⁷²

Tantas foram as atrocidades que “Ruy Barbosa, ministro da Fazenda, na primeira República, baixou uma circular mandando que fosse destruída toda documentação existente, no seu ministério, sobre a escravidão no Brasil.”⁷³

O século XIX terminou, e com ele o fim da escravidão. Houve a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, e na Bahia em 17 de novembro do mesmo ano. A adesão à República pela Ilha de Itaparica ocorreu em sessão de 20 de novembro de 1889, sob a presidência de Dr. José Carneiro Ribeiro. Enquanto isso, no cenário mundial, segundo Darcy Ribeiro :

A Revolução Industrial não se resumiu a uma difusão de novos conhecimentos livremente adotáveis, mas como uma reordenação de povos que, situando os pioneiros da industrialização em posição superior de domínio e de riqueza, conduzia todos os demais à subordinação dentro de vastos complexos de nações dependentes e exploradas. O novo processo civilizatório tem de peculiar a circunstância de que, desde os primeiros passos, ainda marcadamente mercantis, estrutura-se como um sistema econômico efetivamente universal, com extraordinário poder de atualização histórica, que progressivamente atingiria todos os povos da Terra, envolvendo cada nação e até mesmo cada indivíduo em suas formas compulsórias de integração. Os povos atrasados na história, que haviam escapado às compulsões da Revolução Mercantil, seriam, assim, atingidos, onde quer que vivessem, e chamados a engajar-se na nova ordem econômica e social, como “proletariados externos”

⁷¹ SIMONSEN, *apud* OSÓRIO, p. 344.

⁷² OSÓRIO, 1972, p. 345.

⁷³ OSÓRIO, 1972, p. 345.

provedores de matérias-primas agrícolas e de minérios e consumidores de produtos industriais.⁷⁴

Enquanto isso, em terras brasileiras, Itaparica era nomeada como enamorada do Sol e do Mar ou, na opinião de Bernard: “um pedaço de terra solto entre o mar e o céu, onde a natureza processa milagres”⁷⁵. Além do mais, possui águas preciosas que conservam a frescura da vida e que, nas palavras do Doutor Antônio Alves .⁷⁶

O povo que aqui nasceu é chamado de nativo e são quase inadaptáveis a outro modo de vida que não seja o seu; não gostam de novidades, vivem, ainda hoje, como seus antepassados; mantêm seus hábitos e tradições. Preservam um amoroso interesse pela ilha em que nasceram. Além da terra, a canoa, a mulher e os filhos, são objetos dos seus cuidados.

Com a descoberta do “ouro negro” – como era popularmente conhecido o petróleo – foi inaugurado na Ilha o sistema *Ferry Boat*, que liga Salvador-Itaparica-Nazaré das Farinhas-Santo Antônio de Jesus e outras cidades do sul do Estado e, segundo Osório “...tal façanha conduzirá para a redução o Tupinambá primitivo.” Paralelo a tantos acontecimentos e à chegada do “progresso” passa a ser extinta a pesca às baleias. O *ferry* foi inaugurado em 1963 no governo do General Juracy Magalhães. Um dos fatos que me surpreenderam nesta pesquisa foi justamente a existência de tanto petróleo em terras itaparicanas, pois desde quando cheguei aqui os nativos descrevem Itaparica com a “terra do já teve”, mas creio que nem eles mesmos sabem o que já teve de fato.⁷⁷

Nesse período, a Ilha já estava dividida em povoados que existem até hoje. São eles: Amoreiras, São João, Manguinhos, Porto dos Santos, Bom Despacho, Gameleira, Santo Antonio de Vellasques, Mercês, Jaburu, Duro, Ilhota, Gambôa, Penha, Barra do Gil, Barra do Pote, Conceição, Barra Grande, Pirapitingas, Cardoso, Tairu, Aratuba, Berlinque, Cacha Pregos, Catu, Jeribatuba, Matarandiba,

⁷⁴ RIBEIRO,1978, p. 157.

⁷⁵ BERNARD, *apud* OSÓRIO, p. 391.

⁷⁶ OSÓRIO, 1972, p. 384.

⁷⁷ OSÓRIO, 1972, p. 467.

Campinas, Ponta Grossa, Baiacu, Vera Cruz, Areia Branca, Taboqueira e Misericórdia.

É importante ressaltar que com a Revolução Industrial houve uma explosão no crescimento demográfico; só a Europa passaria de 160 para 400 milhões de habitantes no curso do século XIX, segundo Darcy Ribeiro. Enquanto isso, na América Latina surgiam os “povos novos” como subprodutos exógenos de projetos europeus de colonização escravista. Darcy Ribeiro descreve melhor este processo ao afirmar que:

Reunindo no mesmo espaço físico matrizes étnicas profundamente diversificadas – indígenas, negros e europeus, aqueles empreendimentos ensejaram sua fusão mediante a miscigenação racial e aculturação, dando lugar a figuras étnicas inteiramente novas. Estas populações, remoduladas através da destribalização e deculturação compulsória, sob pressão escravista, perderam a maior parte dos seus patrimônios culturais de origem e só puderam plasmar novos traços culturais quando estes não colidiam com sua função produtiva dentro do sistema colonial. Não estão presos, por isso, a qualquer conservadorismo e, de certa forma, encontram-se abertos à renovação, porque só têm futuro com sua integração nos modos de ser das sociedades industriais modernas. Este é o caso do Brasil, Venezuela, da Colômbia e das Antilhas, em que predominou o cruzamento de europeus com negros, na configuração da matriz étnica.⁷⁸

A terceira revolução, considerada como sendo a tecnológica em curso, também está deixando suas marcas no povo de Itaparica; para ilustrar, transcrevo as palavras de Darcy Ribeiro :

A Revolução Tecnológica em curso põe em causa a observação de Marx sobre as relações necessárias entre a ampliação das forças produtivas e o caráter das relações de produção. Ou em outros termos, sobre as quantidades de mudanças tecnológico-produtivas que podem suportar as sociedades sem romper sua estrutura institucional. Os efeitos dos novos processos produtivos sobre as relações de trabalho apenas começam a tornar-se mensuráveis. Estão se acumulando, porém, pelo somatório de pequenas rupturas e de traumas que, amanhã, serão conflitos abertos ao de toda a vida social, conducentes a configurá-la em novas formações.⁷⁹

⁷⁸ RIBEIRO, 1978, p. 170.

⁷⁹ RIBEIRO, 1978, p. 195.

Esta lógica perversa fez surgir na população da Ilha uma massa de desajustados socialmente, que é bem colocada por Darcy Ribeiro:

Esta ordem de desajustamentos tende a crescer cada vez mais, atingindo, primeiro, alguns setores da força de trabalho; produzindo depois, massas de deslocados, e gerando, por último, multidões de marginalizados sociais e ocupacionalmente condenados, assim, a viver como pensionistas do Estado. O controle das tendências dessas massas desajustadas à insubordinação consistirá num repto muito mais agudo que aqueles que se defrontaram as primeiras sociedades industriais, atenuado, então, pela exportação maciça dessas populações para áreas coloniais e pelos desgastes humanos em guerras.⁸⁰

Infelizmente, ainda hoje é este o perfil da comunidade da Ilha e, embora já tenham se passado décadas desde a colonização, o desajuste persiste e a comunidade nativa continua à margem, principalmente do acesso aos bens de consumo.

Os novos problemas sociais não admitem, porém, soluções tão singelas, porque põem em causa, de forma ainda mais dramática, a incompatibilidade da ordenação social com a tecnologia produtiva que opera; e porque os impulsos de reordenação social já se exercem sobre as sociedades de um novo tipo, cujas populações são, provavelmente, mais capazes de auto-defesa contra a opressão. A combatividade do novo negro norte-americano em sua luta contra a discriminação racial dá-nos uma medida dessa capacidade de auto-defesa das camadas marginais das sociedades avançadas.⁸¹

Apresento a seguir um dos pontos de vista de Darcy Ribeiro , com o qual comungo, para a correção deste complexo desencontro entre tecnologia e humanidade:

...requer, além de um reajustamento no parque fabril, na força de trabalho e nas instituições de previdência e amparo, uma revisão completa do sistema educacional. Transformando a escolaridade num drástico setor social, que exclua da vida produtiva os não instruídos, torna-se imperativa a abertura do sistema escolar de todos os níveis à totalidade da população; impõe-se a revisão de todo o seu conteúdo curricular para ajustá-lo aos graus de integração das ciências na cultura e torna-se indispensável o acesso de toda força

⁸⁰ RIBEIRO, 1978, p. 195.

⁸¹ RIBEIRO, 1978, p. 195.

de trabalho e uma reeducação continuada e de alto padrão ao longo de toda vida produtiva.⁸²

Antes de chegarmos a este ponto, muito ainda deve ser feito para a superação das carências elementares – como a fome, a vestimenta, a falta de moradia, de facilidades sanitárias – e o acesso a um mínimo de escolaridade, que infelizmente atinge a maior parte da população mundial. Além do mais, Darcy Ribeiro acrescenta:

Soma-se a este problema o peso das diferenças de classe e da discriminação racial, que continuam impondo condições desumanizadoras à maioria da espécie humana. A superação desses percalços, hoje aparentemente intransponíveis, pode fazer-se pela aceleração evolutiva acionada pela própria Revolução Termonuclear no curso do processo de modelação das sociedades futuras. Não será alcançada, porém de forma espontaneísta, porque importará num esforço extraordinário, só praticável através de um planejamento rigoroso e da mais completa cooperação internacional. As características dessas sociedades futuras são, hoje, tão pouco previsíveis quanto o eram as das formações contidas em potencial na Revolução Industrial, nas primeiras décadas do seu desencadeamento. Entretanto, algumas delas já são visíveis em nossos dias. Assim é que se pode afirmar que o sentido do desenvolvimento humano aponta para a configuração das sociedades futuras como formação socialista de um novo tipo. Estas serão, com toda a probabilidade, sociedades não estratificadas em classes econômicas, embora de caráter infinitamente superior ao das comunidades tribais indiferenciadas de que a humanidade partiu há dez milênios e em que prevaleciam relações pessoais e igualitárias. Também serão de tipo muito mais alto que o “socialismo” dos impérios teocráticos de regadio, igualmente fundados na sociedade estatal, que conformaram, em sua primeira etapa, regimes de alta responsabilidade social para com a pessoa humana e de alto nível de integração societária, mas que decaíram, por fim, num estadismo militarista marcadamente despótico.⁸³

A proposta deste trabalho paira justamente neste processo de renovação dos formatos educacionais vigentes, demonstrando que novos caminhos podem ser seguidos para alcançarmos uma etapa evolutiva nova, a qual transformará efetivamente a nossa condição enquanto seres humanos. Sabemos que muito ainda tem de ser feito, a começar pelas carências básicas do ser humano, como citado

⁸² RIBEIRO, 1978, p. 196.

⁸³ RIBEIRO, 1978, p. 202.

anteriormente, e principalmente facilitar o acesso à escolaridade. Tais questões, infelizmente, ainda afligem um número significativo de seres humanos, entre os quais a população do nordeste brasileiro, da Bahia e mais especificamente da Ilha de Itaparica.

Finalmente chego a uma certeza, de que o sujeito é fruto concreto do seu contexto histórico; por isso, acredito que este terceiro capítulo serviu para mapear com mais precisão o cenário das histórias de vida, não só minha enquanto educadora, mas principalmente dos alunos e alunas que passaram pelo processo de arte-educação, avaliando em que medida estes educandos e educandas foram transformados e deixaram de ser domesticados pela mídia, mas acima de tudo até que ponto estão aptos a perceber que, através da arte encontramos a liberdade para sentir e pensar nossa própria história, nossos laços afetivos e cognitivos com nossos antepassados.

IV - Histórias de Muitas Vidas

...as “histórias de vida” tornaram-se um instrumento extremamente rico para poder trabalhar com as pessoas, de maneira a ajudá-las a tomar consciência daquilo que se poderia chamar, em termos sociológicos, as determinações que pesam sobre a maneira de estar no mundo. Descobrir essas determinações, podem abrir-se outras potencialidades às pessoas.⁸⁴

Rui Seguro

1- Introdução

Este capítulo finaliza o trabalho apresentado com relatório referente à pesquisa de campo desta dissertação. Trazemos aqui histórias de vidas de alunos e alunas da rede pública de ensino da Ilha de Itaparica, na Bahia, alunos estes que foram envolvidos em atividades extracurriculares de arte-educação. O primeiro grupo desenvolveu atividades voltadas à Rádio Escolar, enquanto o segundo trabalha com *hip-hop*. Este tipo de conhecimento construído a partir da experiência tenta responder a questões como: Como me tornei quem sou hoje? Por que penso o que penso? Em que medida fazer parte destes projetos de arte-educação influencia ou não quem sou, penso e faço?

Assim, a preocupação central desta pesquisa, baseada nas histórias de vida é saber o que é a formação do sujeito aprendiz, ou seja, o que é transmitido ao aluno e a aluna quando estão numa situação educativa.

2- Sobre a metodologia

Em uma pesquisa, segundo Selltiz, “as escolhas de como se observa e como se coletam os dados tornam-se científicas na medida em que servem a um objetivo

⁸⁴ SEGURO, R. **As histórias de vidas abrem novas possibilidades às pessoas**. 2008. Disponível em <http://www.direitodeaprender.com.pt>. Acesso em 22/07/2009.

formulado pela pesquisa; são sistematicamente registradas e ligadas a proposições mais gerais; e são submetidas a verificações e controle de validade e precisão.”⁸⁵

Assim, é necessário definir aonde se quer chegar com a pesquisa, quais os passos para realizá-la, garantir a coerência entre os seus objetos, sua fundamentação teórica e suas formas de observação, e checar se as formas de pesquisa foram válidas e precisas no que procuravam.

Esse roteiro para a garantia científica de uma forma de coleta de dados pode ser também considerado para a escolha da técnica a ser adotada na pesquisa. A existência de várias possibilidades de escolhas, por si só, já cria uma dificuldade inicial para qualquer pesquisador.⁸⁶

Portanto, a escolha da técnica de pesquisa depende inicialmente do objetivo anunciado da pesquisa, da maneira pela qual se executará seu planejamento, das condições de registros dos resultados e vinculação a enunciados fundados em uma teoria, e, por fim, da possibilidade de checar a validade e precisão das informações recolhidas.

Isso nos leva a crer que as histórias de vida são fundamentais no processo de mutação da nossa sociedade de forma que tal opção teórica esteja articulada com o compromisso social do pesquisador ou pesquisadora, uma vez que as suas práticas de investigação e formação se baseiam numa visão emancipatória do indivíduo, quer a nível político, quer a nível social.

3- Abordagem e pressupostos

Conforme nos ensinam Burrell e Morgan⁸⁷ “a pesquisa social deve ser feita a partir da adoção de pressupostos no que diz respeito à natureza do mundo social e do modo como este será investigado. Nessa perspectiva, o método biográfico

⁸⁵ SELTTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU/Edusp, 1975. p. 225.

⁸⁶ SELTTIZ, 1975, p. 225.

⁸⁷ BURRELL, G.;MORGAN,G. **Sociological paradigms and organisational analysis**. London: Heineman Educational Books, 1982. p. 1-3.

discute as rupturas que se operam no campo das ciências humanas em relação aos métodos convencionais de investigação”. Desde o início do século XX, tal método tenta mostrar como a subjetividade passa a se concretizar na ideia nuclear e articuladora das novas formulações teóricas que constituem as diversas áreas das Ciências Humanas, pois segundo Franco Ferraroti “a influência dos métodos utilizados nas ciências físicas e biológicas é notória e tirana”.⁸⁸ Ferraroti afirma, ainda, que:

...essas novas reflexões prevêm o declínio da ciência clássica e o prenúncio da ciência contemporânea. Entretanto, essa mudança não ocorreu apenas em educação, mas nas diversas áreas das ciências humanas, substituindo a tradicional narrativa, baseada apenas na história política por uma história- problema, que consiste na história de todas as atividades humanas.⁸⁹

Esta nova forma originou-se com Malinowski, no século passado, em que ele inaugura uma nova forma de estudar as culturas. Do seu ponto de vista a cultura deveria ser estudada e conhecida “a partir do ponto de vista dos nativos” e conclui que a ciência experimental busca leis, enquanto a interpretativa busca significações, explicações.

Assim, em termos ontológicos este trabalho pesquisará a história de vida, ou seja, autobiografia de alguns alunos e alunas, professores e a minha própria, no que se refere à utilização da arte-educação no ambiente escolar e a consequência, o resultado desse processo em nossas vidas.

Dessa forma, podemos perceber que as histórias de vida são emergentes na concepção de um novo paradigma, onde o sujeito passa a ser ator, uma vez que o foco do pesquisador está centrado na formação do sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida; estas proporcionam ao sujeito/ator realizar uma reflexão sobre o seu ser-estar-no-mundo.

⁸⁸ FERRAROTI, F. **Sobre a Autonomia do Método Biográfico**. In Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.), o Método (auto) biográfico e a **Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde- Departamento de Recursos Humanos, 1988. p. 23.

⁸⁹ FERRAROTI, 1988, p. 51.

Percebemos, com isso, que fazer investigação e formação a partir das histórias de vida comporta também em si mesmo como valor o valor emancipatório do indivíduo, uma vez que estuda a relação dialética entre o indivíduo e o social, duas dimensões em permanente interação. Tal abordagem, proveniente de campos disciplinares diversos – que vão da filosofia à antropologia, passando pelas ciências sociais, ciências da linguagem e ciências da educação –, proporciona ao conjunto das ciências humanas uma ruptura com o modelo clássico, uma vez que a produção de conhecimento, até então realizada pelos especialistas, abre a possibilidade a um conhecimento outro, diferente, produzido pelos próprios atores sociais.

Segundo Ferraroti, sociólogo italiano:⁹⁰

o método biográfico apresenta-se à partida como uma aposta científica que comporta aspectos escandalosos. Por um lado, considera a subjetividade nas múltiplas dimensões em que ela está presente num processo de investigação; por outro lado, o conseqüente afastamento das metodologias quantitativas, experimentais e racionalistas, aquelas que seguem o modelo das ciências da natureza apoiando-se no modelo matemático...

Conclui com isso, que o método biográfico é um procedimento pedagógico que leva o aluno/aluna a descobrir por si mesmo as verdades que são preestabelecidas pela nossa sociedade. Dessa forma, importa ter o conhecimento humano, como ponto de partida e conseqüentemente seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, imbuídos a conhecer o que é conhecer, numa perspectiva moriniana, isto é, baseia-se nas teorias de Edgar Morin.⁹¹

4- Método da Pesquisa

De acordo com Coltro, a abordagem fenomenológica faz uso de relatos descritivos das características do fenômeno em estudo; porém, não de forma

⁹⁰ FERRAROTI, *apud* SEGURO, 1988.

⁹¹ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12ª ed. São Paulo: UNESCO, 2007. p. 16.

passiva, mas por uma reflexão que permita interpretar tais relatos, objetivando apresentar as características, as categorias, os sentidos menos aparentes, ou seja, aqueles imprescindíveis ao fenômeno. Dessa forma, o método biográfico considera a subjetividade nas múltiplas dimensões em que ela está inserida num processo de investigação. Esta ideia completa-se com a afirmação de Ferraroti quando “a aposta epistemológica da biografia e seu consequente valor heurístico assenta na subjetividade e numa exigência anti-nomotética, que por outro lado, definem os limites da sua própria cientificidade.”⁹²

As histórias de vida, nesta abordagem, são descritas a partir de entrevistas, primeiro orais e depois escritas, realizadas com os personagens em relação aos seus próprios percursos; estes dados serão compreendidos e não acumulados. A descrição serve então como etapa de aproximação ao fenômeno estudado, pois a pessoa não tem noção de que determinadas vivências são potencialmente ricas, e não podemos correr o risco de menosprezá-las. Tais informações serão submetidas à análise/interpretação, para então serem compreendidas de outra maneira.

Em outras palavras, como afirma Rui Seguro em seu texto “As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas” , em que ele entrevista Marie-Christine Josso :

É muito importante que, num primeiro tempo, as histórias de vida permitam às pessoas fazer um balanço retrospectivo das suas vidas: olhar para todo caminho percorrido, para os conhecimentos, as situações, as atividades, as pessoas significativas que encontraram.⁹³

Entretanto, por lidar com conhecimento, educação e comportamento, que são abstratos, entre outras coisas, é importante na pesquisa recorrer à opinião das pessoas em relação ao que é pesquisado, seguindo, portanto, a lógica do construcionismo social interpretacionista. Isso quer dizer que o objetivo desta metodologia é dar valor a tudo, de maneira sistematiza

⁹² Apud COLTRO, A. **A Fenomenologia**: um enfoque metodológico para além da modernidade. São Paulo, v.1, n.11, 2000.

⁹³ SEGURO, R. **As histórias de vidas abrem novas possibilidades às pessoas**. 2008. Disponível em <http://www.direitodeaprender.com.pt>. Acesso em 22/07/2009.

5- Amostra e população

As unidades de análise desta pesquisa são duas: uma ocorreu no Colégio João Ubaldo Ribeiro, com a Rádio Escolar JUBA, e a outra na Escola Carneiro Ribeiro, ambas localizadas na região Metropolitana de Salvador, mais precisamente na Ilha de Itaparica – separada da capital por apenas 13 km de mar, que, diga-se de passagem, nem sempre se encontra navegável.

O Colégio João Ubaldo Ribeiro está localizado no Município de Itaparica, e a JUBA – Rádio Escolar funcionou nessa escola nos anos de 2002 a 2005, período em que lá me encontrava, ainda, como gestora. Nessa época, a escola possuía 1.200 alunos, distribuídos entre o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Foi dentro do nosso Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) – baseado no Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual um dos objetivos principais era o resgate da autonomia e autoestima da comunidade – que pudemos viabilizar a rádio no referente aos custos de implantação. O professor, que iremos denominar de A (arte-educador) foi responsável pela execução e coordenação do projeto. Participavam da equipe da rádio ao todo 36 alunos por ano, distribuídos entre os turnos que fossem opostos aos da aula. A rádio, a princípio, foi veiculada apenas dentro da escola.

Já o grupo de *hip-hop* existe até hoje na Escola Carneiro Ribeiro. Os alunos se reúnem e ensaiam na escola desde 2000. A unidade possui, em média, 630 alunos, distribuídos em três turnos; trabalhamos com o Ensino Fundamental II. Os ensaios acontecem todos os dias, geralmente no intervalo entre os turnos vespertino e noturno e também aos sábados, pois a escola está inscrita no projeto Escola Aberta, que só acontece aos sábados. O coordenador do grupo (que foi um dos entrevistados) e que ensaia os alunos, também foi aluno da escola. O grupo é composto em média por 20 alunos e alunas, não só do Carneiro Ribeiro, mas também das escolas circunvizinhas. É importante ressaltar que esta socialização é fundamental para estes jovens, uma vez que no Município há brigas constantes entre moradores de localidades diferentes, por questões geográficas.

6- Técnicas de coleta de dados e instrumentos

Segundo Lakatos, as técnicas são “... um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência. São também as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos”.⁹⁴

Explicando melhor, as técnicas devem dar sustentação à busca de dados para as pesquisas. Assim, as técnicas de coleta de dados podem ser de dois tipos: a documentação direta e a indireta. A documentação direta baseia-se no levantamento de dados no local em que os fenômenos acontecem; é o caso das histórias de vidas que serão pesquisadas e posteriormente sistematizadas. A documentação indireta pode ser realizada através da pesquisa de laboratório. Entretanto, nos dois casos é possível utilizar técnicas de observação direta intensiva (observação e entrevista) e direta extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião). No que se refere aos estudos biográficos a serem realizados, será utilizada a técnica de coleta de dados direta intensiva – a partir do momento em que esteve presente no local onde ocorreram e ocorrem os projetos e conseqüentemente na entrevista – e direta extensiva – a partir da formulação e aplicação dos questionários.

É importante ressaltar que com os alunos que apresentaram muita dificuldade de escrita foi feito um trabalho oral, com a gravação de seus relatos, audição e posterior transcrição dos mesmos. Embora alguns pesquisadores não utilizem a fase oral ela é fundamental uma vez que a memória humana não funciona num ápice; é necessário criar condições que facilitem a lembrança da vida dos alunos. É muito importante fazer este trabalho em pequenos grupos, pois cada um acaba lembrando histórias vividas em comum. Assim, há um estímulo à memorização durante a fase oral, que acaba sendo imprescindível ao resultado da pesquisa, cabendo ao pesquisador valorizar tudo que é dito, de forma sistemática.

⁹⁴ LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho Científico**. 6a. ed. São Paulo: Atlas, 2001, p. 34.

7- Opções metodológicas da pesquisa

As opções metodológicas feitas nesta pesquisa foram pela qualidade de um estudo descritivo com aspectos qualitativos. O método de pesquisa foi o estudo de histórias de vida enfocando duas escolas da região metropolitana de Salvador que tiveram ou têm como proposta a realização de atividades extracurriculares no contraturno. Foram realizados o levantamento e a análise de dados através de fontes documentais e bibliográficas e de pesquisas e entrevistas semiestruturadas.

Dessa forma, o primeiro passo foi a pesquisa bibliográfica para buscar conhecimentos e informações já realizadas sobre arte-educação, sobre a história da Ilha de Itaparica e sobre o método biográfico em si. O segundo passo consistiu na elaboração dos questionários e em seguida a saída a campo para a coleta de suas respostas.

É interessante ressaltar que a análise documental é fundamental para o embasamento teórico de ideias desenvolvidas ao longo do trabalho, uma vez que tais documentos são importantes e fundamentam os dados, as afirmações as posições e declarações da pesquisadora.

Assim, depois do levantamento bibliográfico e fichamento dos mesmos, foram realizadas cinco entrevistas com alunos, alunas e professores das escolas pesquisadas. As entrevistas foram feitas com roteiros semiestruturados, com questões abertas cuja formulação baseou-se nas escolhas conceituais realizadas na parte teórica deste trabalho. Explicando melhor, os questionários foram feitos a partir de perguntas preestabelecidas.

É importante esclarecer que em uma entrevista semiestruturada a pesquisadora organiza as questões em torno do tema estudado, permitindo que os entrevistados falem livremente sobre os assuntos que vão sendo abordados pela entrevistadora. Dessa forma, esta metodologia foi adequada para esta pesquisa e conseguiu estabelecer um diálogo contínuo e interativo com os alunos e a aluna e professores das escolas no que se refere à importância das atividades de arte-

educação (Rádio Escolar – JUBA e *HIP-HOP*) em seus percursos educativos e visão de mundo.

Na Escola João Ubaldo Ribeiro, foram entrevistados um aluno X e o Coordenador da Rádio, Professor A. Na escola Carneiro Ribeiro, onde existe o grupo de *hip-hop*, foram entrevistados dois participantes do grupo, sendo uma aluna e um aluno, que no caso é quem coordena e ensaia os demais membros do grupo, e o professor B, de Educação Artística.

Os questionários aplicados possuem cinco questões abertas, sendo cinco direcionadas aos alunos e cinco direcionadas aos professores de artes das duas escolas. É importante salientar que as questões abertas foram escolhidas para que cada entrevistado tivesse mais liberdade de expressar as influências deste tipo de trabalho em seus percursos educacionais e, em consequência, em suas histórias de vida.

8- Conceitos utilizados na análise e questões da pesquisa

Dessa forma, os dados obtidos a partir dos diferentes levantamentos receberam o seguinte tratamento: nas pesquisas bibliográficas foram lidos os principais autores vinculados aos temas da dissertação. O objetivo foi selecionar os conceitos utilizados na análise dos dados e por fim elaborar a conclusão.

A seguir, foi estabelecida uma estratégia analítica baseada em proposições teóricas, ou seja, fundada nas questões que levaram à formulação das histórias de vida. Nessa dissertação, tratou-se de conhecer a influência, ou não, de trabalhos extracurriculares de arte-educação nas vidas dos alunos e da aluna, professores e da própria pesquisadora.

Após a reunião dos dados relativos à pesquisa documental que auxiliaram na elaboração do roteiro, partiu-se para a elaboração das entrevistas e questionários, e em sua condução. A compilação concretizou-se através da organização da linha do tempo (com os principais fatos vinculados às escolas e seus respectivos projetos) e

o percurso, ou seja, as histórias de vida dos entrevistados. As referidas entrevistas apresentam as seguintes perguntas:

- Aos alunos e à aluna:
 - a) Em que medida a disciplina de Artes contribui, ou não, para sua interação com o grupo da escola?
 - b) Como você avalia o ensino da sua escola e que sugestões você daria para melhorar os pontos que julga necessário?
 - c) No seu modo de ver, há na escola interdisciplinaridade, ou seja, integração entre as disciplinas? Neste contexto, qual é a função da disciplina de Artes?
 - d) Como você avalia sua participação no *Hip-Hop/Rádio Escolar JUBA*?
 - e) Você associa a sua participação nessas oficinas extracurriculares à sua vida fora da escola?
- Aos Professores:
 - a) Em que medida você acha que sua disciplina contribuiu, ou não, para a socialização entre os alunos?
 - b) Como você avalia o ensino da sua escola e que sugestões você daria para melhorar os pontos que julgar necessário?
 - c) No seu modo de ver há na escola interdisciplinaridade, ou seja, integração entre as disciplinas? Neste contexto, qual a função da disciplina de Artes?
 - d) Como você avalia a ocorrência, na escola, das atividades extracurriculares?
 - e) Na sua opinião, a participação dos alunos no *Hip-Hop/ Rádio Escolar JUBA* contribuiu para sua formação enquanto cidadãos e por quê?

A análise das entrevistas, assim como dos questionários, a compilação dos dados e a leitura dos documentos tornaram possível a necessária triangulação dos dados para obtenção das conclusões da pesquisa.

9- Síntese do método da pesquisa

Definidos os pressupostos metodológicos, o tipo e método de pesquisa, seus instrumentos de levantamento de dados e sua estrutura de análise, foi possível então retomar o objetivo principal deste estudo: em que medida as atividades extracurriculares realizadas em duas escolas influenciaram e influenciam, ou não, nas histórias de vida de alunos e professores e conseqüentemente em suas posturas enquanto cidadãos.

10- Análise das histórias de vida

Neste capítulo será apresentado o resultado da pesquisa aqui proposta.

Para isto, foram apresentados elementos de pesquisa com as respostas dos entrevistados. Após estas etapas, finalmente foi realizada a análise das histórias de vida e a redação das conclusões.

10.1 - Pesquisa de campo e entrevistados

Com os critérios definidos para a pesquisa, procurei coletar os dados que apresentarei agora para que se possa verificar em que medida os projetos extracurriculares de arte-educação tiveram ou não influência no percurso, na história de vida dos alunos e alunas que participaram e participam destes projetos.

10.2 - Processos e Critérios das Entrevistas

No tocante às entrevistas, todas foram feitas por mim. Conforme nos ensina Queiroz, “esse é um momento especial da pesquisa, e o contato estreito com os

informantes deve ser vivido integralmente pelo pesquisador”.⁹⁵ Os critérios de escolha dos entrevistados foram os seguintes: em relação à JUBA - Rádio Escolar, como o projeto não existe mais, fui buscar um dos alunos – que chamarei de X – que mais se destacou no que diz respeito à sua formação cidadã e com o qual, por acaso, ainda mantenho contato. Chamarei de A o professor, coordenador e idealizador do projeto para nos informar dos reais objetivos do projeto. No caso do *hip-hop*, optei em entrevistar o aluno – que chamarei de Z – por ser ele o mentor do grupo, e a aluna – que chamarei de Y – para realizar uma amostra da diferença de gêneros. Finalmente, achei interessante entrevistar o professor de Artes da escola onde há o grupo de *hip-hop*, embora ele não tenha nenhuma ligação direta com os alunos do grupo. Sua visão em relação ao trabalho é muito significativa, uma vez que retrata a visão da maioria dos professores de Artes que estão na ativa nas escolas públicas; este professor será nomeado como B.

10.3- Processos dos Questionários

Como dito anteriormente, todos os processos dos questionários foram feitos por mim. Primeiro, entrei em contato com os entrevistados, pois alguns eu já não encontro com frequência – caso do aluno X, que foi aluno da Rádio Escolar Juba na época e hoje já se formou no curso de Letras da UNEB, dá aulas de inglês e faz um estudo sobre Semiótica.

Quanto aos professores A e B, depois de estar pessoalmente com eles e explicar o teor da pesquisa, enviei os questionários pela internet e ambos me responderam prontamente.

É importante ressaltar que tive o cuidado de colocar em primeiro plano a importância da liberdade de respostas pelos participantes. Os entrevistados com os quais tenho menos contato me responderam pela internet; com os demais – aluno Z e aluna Y – as entrevistas foram realizadas pessoalmente. É interessante

⁹⁵ QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T. A. Queiroz , 1991. p. 53.

acrescentar que nenhuma questão nova foi levantada pelos participantes, bem como nenhuma dúvida em relação às perguntas foi ventilada.

10.4 - Percepção dos Professores de Artes das Respectivas Escolas

Iremos saber agora qual o ponto de vista dos professores das respectivas escolas em relação aos projetos e a interferência, ou não, destes em suas trajetórias como educadores. Os professores entrevistados e que terão seus relatos sistematizados são: professor A e professor B.

É interessante notar que o professor B reconhece a importância da sua disciplina para a socialização, pois, segundo ele:

“À medida que o aluno compreende e reflete que através do estudo da disciplina Artes ele consegue se expressar e se comunicar por meio de outras linguagens, aguçando sua criatividade, imaginação, observação, etc., ele é transformado e leva toda essa bagagem para as demais disciplinas e para a sua vida como cidadão.”

Como visto, o professor B respondeu à questão de forma mais genérica, enquanto o professor A relacionou a pergunta mais ao trabalho realizado na rádio, ao afirmar que:

“A partir de sua instalação, a JUBA Rádio Escolar mostrou rapidamente sua força transformadora na base das relações sociais. Ela não toma o lugar de ninguém e, no caso específico de Itaparica, pelo menos a princípio não fere os interesses econômicos de outras rádios comunitárias. Mas ela cuida de temas que não têm espaço em outros meios: a cultura, as festas, a cidadania, a educação da comunidade, que é o lugar onde as pessoas vivem, constroem relações filosóficas e espirituais e fazem as opções definitivas. A comunidade escolar retribui. Muitos ajudam fazendo a programação. A comunidade escolar tem seu veículo, faz sua própria comunicação. Há comunicação não formal, mas concreta e real. Todos podem falar, há diálogo no plano público, produção de consensos para a resolução das dificuldades individuais e coletivas. Há um aumento da solidariedade social, da

cidadania e da democracia, concretizando-se, enfim, a liberdade de expressão e a formação plena cidadã. Como agente socializador, a rádio na escola trabalha com a participação popular e a liberdade de expressão, priorizando a produção cultural da comunidade na qual atua, partindo do princípio de que toda a comunidade escolar tem o direito de se manifestar na rádio, com as suas ideias e sua própria linguagem e sem censura desde que não se esconda no anonimato, não discriminando condição social, sexo ou preferência sexual, raça, convicção ideológica, política ou religiosa, um direito preservado no próprio estatuto da emissora.”

Dessa forma, podemos perceber que arte-educação consiste em um instrumento forte de socialização na comunidade escolar, independente de estar ou não materializada na forma de um projeto extracurricular.

Com relação à segunda questão, no que diz respeito a cada um avaliar o ensino e dar sugestões de suas respectivas escolas, eles responderam que:

Professor B - “Não é muito satisfatório. Poderia ser bem melhor se houvesse um espaço reservado para as aulas de Artes. Onde houvesse armários e estantes para guardar materiais, expor os trabalhos e dar continuidade à um trabalho , à medida que necessitasse parar e/ou continuar uma atividade.”

Com esta afirmação, o professor B e o professor A pensam do mesmo modo; embora escrito de formas diferentes, ambos afirmam que o primeiro passo é da gestão escolar em dar espaço e valorizar atividades extracurriculares.

Professor A - “O Colégio João Ubaldo Ribeiro, na gestão da autora desta pesquisa, modificou-se consideravelmente no que se refere à relação com a comunidade, abrindo espaço para que alunos, pais e professores pudessem conviver e agregar culturas, transformando-as em conhecimentos. Desde o surgimento da criação da JUBA Rádio Escolar, sob minha coordenação, abriu-se um novo momento para a educação da comunidade no entorno da escola que é a do Alto de Santo Antônio, bem como para o município, através de sua participação na elaboração de programas educativos levados para todos.”

Sobre esse aspecto, concordo com ambos; o primeiro passo a ser dado para qualquer mudança na escola é da equipe gestora; do contrário, o professor fica só e acaba desistindo, uma vez que algumas mudanças incluem investimentos financeiros e o professor não possui tamanha autonomia. Em outras palavras, no Brasil, mais especificamente no Nordeste, enquanto a educação estiver associada à política partidária, tais ações acabarão ocorrendo de forma isolada.

No que se refere à interdisciplinaridade, ou seja, o trânsito da disciplina de Artes entre as demais, o professor B afirma que a interação entre as disciplinas é “...bem pouca, poderia ser maior. Muitos professores se acomodam. A função da disciplina de Artes é integrar as demais disciplinas ao contexto proposto pela escola ou projeto a ser executado.”

Entretanto, o professor A acrescenta:

“Não há nenhum tipo de integração das disciplinas na Escola; aliás, o que há, por parte dos professores, é uma relação de disputa por uma colocação melhor dentro da escola, nos conchavos políticos”.

Para um melhor entendimento, os professores se assustam quando há uma disciplina que pode, através de suas características pedagógicas, transitar por todas as disciplinas e colaborar em seu aprendizado, como é o caso da JUBA Rádio Escolar. A partir dessa possibilidade de colaboração da rádio com todas as disciplinas, os professores se sentem ameaçados por esta nova forma de educação, pois ela forma a consciência cidadã com criticidade. Ademais, por uma não compreensão do processo, os professores se fecham e dificultam a aproximação e o trabalho com os alunos.

Trabalhada como uma forma de educação plena e reconhecida pelos alunos com o entendimento de sua importância, a disciplina de Artes justifica-se como uma escolha de suas verdades e seus sonhos de futuro, e uma forma de praticar um processo educativo dentro da sua contemporaneidade e da sua realidade, conjuntamente com os educadores. Dessa forma, contribui com a construção e idealização de valores que permitam sair da indiferença, da desesperança, da

apatia, dos descaminhos e assim provocar uma atitude de se projetar, de olhar de forma crítica a realidade e avaliar todos os elementos que contribuem para a realização do ser humano e do ser cidadão, ativo e participativo.

A disciplina de Artes, que reconheço como Arte-Educação, que educa através da arte, proporciona aos jovens uma identificação e vivência de valores como a solidariedade social, a realização pessoal, a capacitação crítica, a consciência de seus direitos e deveres, a autoestima e o respeito.

“A JUBA Rádio Escolar mostrou a grande potencialidade de se estimular a visão consciente de uma comunidade solidária e participativa através da arte”.

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que, sem dúvida, a área de Artes é fundamental nesta interação entre as disciplinas, mas que na prática não ocorre por fatores como postura dos professores, que se sentem ameaçados com a possibilidade de alguém ter acesso a seu trabalho. Esta questão, associada à falta de visão do corpo gestor, acaba por inviabilizar estas ações, ou seja, estes tipos de projetos dentro da escola.

Na quarta questão, os professores responderam sobre o que eles achavam sobre as atividades extracurriculares e afirmaram que:

Professor B - “Poderia ocorrer com mais frequência, pois motivaria muito mais os alunos.”

Professor A - “A JUBA Rádio Escolar, um espaço democrático de discussão, criação, gerenciamento de atividades de adolescentes, jovens e educadores, se construiu a partir das necessidades, das demandas e dos sonhos dos jovens engajados”.

A escola, Carneiro Ribeiro com toda sua precariedade, diferentemente da João Ubaldo Ribeiro que sempre foi uma entusiasta da arte-educação, dificilmente abre espaços de resposta à necessidade de ideais fortes, à grande emotividade e ao sentimento de participação que os jovens vivenciam como necessidade. O que era uma proposta de Projeto para desenvolver atividades extracurriculares na escola evoluiu para uma proposta de arte-educação a fim de sensibilizar a escola pública

para contemplar a arte e a cultura no seu fazer pedagógico e qualificar as intervenções complementares com jovens. Transformou-se, então, em um movimento de ideias entre os jovens, em laboratório de arte, de sensibilização, de mobilização das instituições comunitárias engajadas, das escolas públicas, dos professores, das secretarias de educação do governo, gerando uma participação dos jovens na formulação de políticas e programas dirigidos aos direitos de cidadania e ao cumprimento legislativo para implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Do ponto de vista do Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro, a JUBA Rádio Escolar apresenta-se como um espaço cidadão pedagógico privilegiado e específico para os adolescentes. Nele, encontram a permanente estimulação educativa para a realização de sua energia criativa, imaginativa e onírica. Encontram, também, o ambiente favorável para a reflexão política, pressuposto fundamental para a construção de uma cidadania jovem, onde a sensibilidade, a solidariedade e a disponibilidade são valores essenciais.

O movimento só fez enriquecer a proposta e a práxis pedagógica da música, oferecendo aos nossos adolescentes o espaço vital para sua realização como sujeitos de direitos, de conhecimento e de desejos.

Dentre outros ganhos, destacamos a questão disciplinar, pois a participação na JUBA Rádio Escolar favoreceu significativamente a disciplina dos nossos alunos, proporcionando, aos mesmos, o comprometimento nas atividades, a assimilação das regras de convivência em grupo e o prazer pelo trabalho. Enfim, ratificou-se o processo de socialização.

Através da participação na JUBA Rádio Escolar, fortaleceu-se em nossa escola a necessidade de aprofundamento da proposta de trabalho, firmando a importância das Artes como elemento pedagógico. Essa participação colaborou para a melhoria do nosso alunado, ampliando a sua visão crítica, despertando a sua participação nas decisões da escola, contribuindo grandemente na construção da cidadania.

“A escola cumpre seu papel de educar, focada no cidadão em sua formação crítica, no respeito, solidariedade, discernimento e trabalho.”

Sobre este aspecto, fica claro que os professores entrevistados possuem ideias iguais, com uma fundamental diferença: o professor B reconhece a importância de atividades extracurriculares, mas desconhece suas implicações na formação integral dos alunos; já o professor A afirma a importância destas atividades e aponta os resultados na formação plena dos alunos.

Finalmente, em relação à última questão – referente à importância ou não dos projetos extracurriculares acima citados na história de vida dos alunos e alunas envolvidos –, os professores responderam que:

Professor B - “Acredito que sim. São ferramentas muito importantes que ajudam o aluno a se comunicar e se expressar de uma forma mais aberta e rápida, e muitas vezes eles próprios não se dão conta de tal transformação, deixando a timidez e o medo de lado e tornando-o um cidadão integrado não só ao convívio escolar, mas à sociedade.”

Professor A - “Não se pode focar apenas na participação dos alunos, e sim de toda a comunidade escolar e extraescolar enquanto participadora da criação de conhecimentos, através da agregação de diferentes culturas”.

Ações desenvolvidas pela JUBA Rádio Escolar em seu período de funcionamento:

Os dados aqui apresentados, exceto os das ações de capacitação/sensibilização e ações de mobilização e divulgação, foram extraídos de experiências vividas e relatórios individuais dos alunos e educadores convidados a dar palestras e oficinas.

As ações desenvolvidas foram em diferentes linhas e contextos:

- Ações de Capacitação (Encontro de educadores e adolescentes – quando sob a coordenação de um educador ou consultor convidado discutiam

temas pertinentes à Rádio, Música, Educação e ao universo do adolescente, como forma de instrumentalizá-los para as ações propostas).

- Ações de Intercâmbio (Visita dos grupos artísticos de uma instituição a outra).
- Ações de Multiplicação (Na própria Escola temas conceituais e/ou atitudinais eram multiplicados para outros adolescentes e educadores não atingidos diretamente pelas ações de capacitação).
- Ações de Mobilização e Divulgação (Ações de sensibilização e mobilização para os objetivos da JUBA Rádio Escolar, envolvendo os educadores e adolescentes do Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro).

Além dessas ações, a JUBA Rádio Escolar se fez presente em encontros da Secretaria da Educação, Palestras e Parcerias, divulgando o Projeto e contribuindo nas discussões e encaminhamentos pela melhoria da educação, cidadania, e pela garantia e respeito aos Direitos Humanos.

- Lançamento do Projeto

Essa ação foi realizada no dia 02 de Agosto de 2002 no Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro. Contou com a presença de parceiros educadores e parceiros institucionais. Caracterizou-se como ação educativa de integração e aprofundamento sobre o Projeto, seus objetivos e estratégias, bem como a inauguração da JUBA Rádio Escolar, com ênfase no exercício da criatividade e consciência crítica.

Devido à demanda da própria JUBA Rádio Escolar, foi pensada uma capacitação específica em Produção Cultural. Esta formação foi estruturada para apoiar as ações da Rádio, assim como as instituições, instrumentalizando os adolescentes para produzirem e gerenciarem seus produtos artísticos (protagonistas). Neste contexto, foram capacitados 21 adolescentes do Colégio Estadual João Ubaldo Ribeiro.

- O Papel do Educador:

O papel do educador no Projeto é facilitar o intercâmbio entre os adolescentes, estimular a criação artística destes adolescentes fazendo-os refletir sobre si mesmos, seu meio e sua cidadania, para assim atuarem de maneira mais consciente enquanto multiplicadores de ideias educativas. Para isso, o educador deve estimular a troca, rever e refletir conceitos e posturas através da discussão e da socialização de novas ideias no plano da coletividade. Seu papel é também o de sensibilizar outros educadores e estimulá-los a trabalhar com os temas propostos junto aos adolescentes que atendem, melhorando cada vez mais as suas atitudes frente a estas questões e às necessidades dos adolescentes.

- Produção do Educador:

Indivíduo – Crescimento intelectual, político e sociocultural. Consciência do verdadeiro exercício da cidadania.

Escola/Instituição - Amadurecimento da sua proposta pedagógica, do seu papel na sociedade, fortalecimento dos processos criativos, interação com outras Escolas/Instituições, diversificação de linguagens, enriquecimento do trabalho que já desenvolve.

Sociedade – Servir como modelo alternativo para a formação de cidadãos conscientes, comprometidos com o seu papel político, social e cultural. Com esta proposta, podemos chamar a atenção da sociedade para as questões do adolescente, para seu papel na sociedade brasileira, levando uma reflexão sobre o que tem sido feito nas esferas municipal, estadual e federal em termos de Políticas Públicas para o adolescente, interferindo, assim, na formulação destas políticas.

- Ações de Multiplicação

Foi observada a necessidade de definir formas, momentos a planejar conjuntamente estas ações. A montagem de um Projeto para estes fins facilitará sobremaneira a multiplicação e socialização das informações e conhecimentos elaborados.

Conteúdos mais discutidos:

- a. Cidadania; Atitude; Desejo; Sexualidade; Política e conjuntura sociopolítica brasileira; Drogas; Adolescentes em conflito com a lei; Preconceitos; Gênero; Família; Adolescência; A importância da escrita e da leitura; Mobilização e Participação Social; Cultura Popular; Música; Escola; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); Classe Social; Discriminação Racial.

Atividades mais desenvolvidas:

- Reuniões de pauta para discussão de temas; Encontros de formação e sensibilização para rádio e temas; Relatos em círculo de discussão e dinâmicas em sala e estúdio; Pesquisas/debates sobre temas determinados; Leituras e discussões dos textos distribuídos nas capacitações; Reuniões e debates orientados por uma visão construtivista; Socialização da experiência em reuniões com as famílias; Integração de temas da Rádio às atividades já desenvolvidas pela Escola; Confecção de Programas Jornalísticos e de Entretenimentos.

- **Síntese:**

O papel do adolescente e o seu potencial foi revelado e trabalhado, os espaços de formulação, gestão e controle de políticas públicas começaram a ser frequentados com participação efetiva dos adolescentes. As relações entre a escola e as instituições foram fortalecidas em torno de um objetivo comum. Porém, para a sensibilização da rede pública de educação no sentido de inserção da arte e da cultura nas suas práticas pedagógicas, muito ainda precisa ser feito, embora a Rede Estadual de Educação já tenha explicitado esta preocupação.

A JUBA Rádio Escolar constituiu-se em uma rede de viabilidades formada por pessoas, ONGs, pais, mães, adolescentes e educadores, voltados para a defesa dos Direitos Humanos através de ações e intervenções, tendo a ética e a estética como base.

Com essa experiência, muito foi aprendido e muitas contribuições foram dadas pela JUBA Rádio Escolar para a construção de uma sociedade mais humanitária e justa.

É preciso crescer e amadurecer sempre, para que as ações realizadas transformem-se cada vez mais em mudanças concretas na nossa sociedade. Para isso, é necessário que dirigentes, coordenadores, educadores e adolescentes, conscientes dos seus respectivos papéis, continuem tecendo esta parceria, através do debate, da reflexão e produção coletiva de saberes, da ética e da estética, ampliando as suas malhas, conclamando desejos e ações da sociedade em geral e dos poderes públicos constituídos em particular, em torno dos objetivos da educação, proporcionando assim, definitivamente, a formação cidadã.”

Dessa forma, podemos perceber que na fala dos dois educadores há o reconhecimento destas atividades como instrumento eficaz de formação integral dos alunos e alunas. Como já colocado anteriormente, podemos perceber a diferença do envolvimento dos professores com propostas extracurriculares. O professor B reconhece a importância de atividades desse tipo realizadas na escola, mas não se dispôs a participar diretamente do grupo de *hip-hop*. Já o professor A não só sabe da importância destas ações no ambiente escolar, como também projetou e executou a JUBA Rádio Escolar e pôde descrever com maior precisão os passos e os resultados deste tipo de ideiação no ambiente escolar e na comunidade do Alto Santo Antônio.

10.5 - Percepção dos alunos e da aluna que participaram de atividades extracurriculares

Finalizando as entrevistas, conversei com os alunos X, Z e Y que me descreveram a importância, ou não, da disciplina de Artes na interação com o grupo da escola, a possível ocorrência da interdisciplinaridade no ambiente escolar e, por fim, a participação de cada um nos projetos extracurriculares que aconteceram e acontecem em suas escolas – no caso específico a Juba Rádio Escolar e do grupo de dança de Rua Unidade Negra.

Sobre a primeira questão, ou seja, a importância da disciplina de Artes para a interação entre os alunos, a resposta foi:

Aluno X – “Sendo a escola um espaço formal onde se iniciou a minha formação como cidadão, é grande a contribuição da arte quando a ela é relegada um segundo plano, não sendo encarada simplesmente como uma atividade de lazer e sim como algo que me permita um contato sistematizado com o universo artístico e suas linguagens, possibilitando a minha inserção em qualquer grupo da escola que esteja envolvido com a disciplina de Artes. A disciplina supracitada exerce papel fundamental na integração do indivíduo no grupo, desde que não esteja baseada no dom e no talento de cada um, mas na capacidade de desenvolver-se nela.”

Aluna Y – “Acredito que sim, porque em Artes nós expressamos o que sentimos e quando é em grupo, melhor ainda, porque um sempre quer saber o que o outro quer expressar.”

Aluno Z – “Proporciona esta integração para uma minoria, no caso específico, de quem participa das oficinas na dança, teatro, artesanato ou qualquer outra atividade deste tipo que a escola ofereça.”

Como visto, as respostas se complementam, todos os alunos reconhecem a importância da disciplina de Artes enquanto instrumento integrador no ambiente escolar, porém reconhecem que em suas escolas esta ferramenta, tão preciosa, anda sendo deixada de lado, ou seja, na periferia de disciplinas que foram classificadas como mais importantes, como Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo.

A despeito do ensino em suas escolas e a sugestões para possíveis melhoras, cada um disse:

Aluno X: Classifica como “precário, pois a escola hoje não consegue dar conta da demanda existente devido a problemas tanto de estrutura como de recursos humanos. Diz-se que antigamente a escola pública era boa, mas muito pouca gente fazia o colegial e o ginásio. Então você tinha tão pouca gente, que aquilo que tinha

você até conseguia dar uma qualidade de ensino melhor. Então aumentou muito, digamos, e a cobertura de tudo isso? É necessária uma valorização dos profissionais da educação, (do zelador ao diretor da escola), investimento na parte física da escola, por exemplo: construção de um laboratório de ciências, criação de projetos que promovam a integração dos alunos com o ambiente escolar (Juba Rádio Escolar, por exemplo) de forma interdisciplinar, ações cidadãs que mobilizem a comunidade e participar ativamente de tudo o que acontece na escola.”

Aluna Y – Em sua opinião “é interessante; no que se refere especificamente à disciplina de Artes, adoro as dinâmicas. Infelizmente muitos colegas acham que é perda de tempo trabalhar com disciplinas que não seja Português e Matemática.”

Aluno Z - “Como minha base escolar da Educação Infantil até a oitava série foram em escola particular, classifico o ensino da minha escola, hoje pública, como péssimo. O que eu supostamente aprendia no ensino médio, na verdade já tinha visto no ensino fundamental. O ponto principal para mudanças, na minha opinião, seria a transparência em todas as ações da escola e, segundo, os professores são “robôs”, sempre falando as mesmas coisas e do mesmo jeito.”

É interessante notar que tais respostas também se complementam na medida em que este mito do fracasso da escola pública é contextualizado pelo aluno X, quando ele faz uma retrospectiva histórica da escola pública no Brasil, mostrando que este fracasso não é só culpa dos profissionais que estão na rede pública de ensino, mas sim um fato construído historicamente.

A terceira questão trata da interdisciplinaridade e a importância da disciplina de Artes neste contexto; assim, cada um respondeu o seguinte:

Aluno X – “A interdisciplinaridade de alguma forma existe porque alguns saberes adquiridos na escola acabam se encontrando, mas não como deveria. A função da Arte no contexto interdisciplinar é desafiadora de limites, fronteiras e territórios. Permite que alunos com suas competências específicas interajam com outros alunos

de diferentes competências para criar, transcendendo cada um seus próprios limites ou simplesmente estabelecendo diálogos.”

Aluna Y – “Mais ou menos. Na minha escola, por exemplo, aconteceu com o Tangran, que foi trabalhado em Matemática e Artes e foi bem legal, por isso acredito que poderia acontecer mais vezes.”

Aluno Z – “Na minha opinião não existe, pois até hoje só consegui integrar Filosofia e Sociologia.”

Sobre este aspecto, percebemos que esta interdisciplinaridade não vem ocorrendo a contento nas escolas, pois muitos professores ainda têm medo de se expor diante da equipe escolar e por isso se fecham dentro dos seus mundinhos chamados de disciplina. Dessa forma deixam de vislumbrar o todo, ou seja, a integração que existe em todas as áreas do conhecimento e assim entender que essa separação de saberes na verdade só dificulta a aprendizagem dos alunos.

Da quarta questão em diante, tratamos mais especificamente da participação de cada um nos projetos de arte-educação. A pergunta a seguir pede para que cada um faça uma autoavaliação da sua participação nestas atividades.

O aluno X, que participou da JUBA Rádio Escolar, respondeu: “Posso dizer ‘fantástica, maravilhosa’ ou tantos outros adjetivos para expressar a minha satisfação em participar de algo tão importante para a minha vida, que influenciou diretamente a minha habilidade comunicativa, bem como possibilitou a liberação de minha imaginação, o encontro de novas formas de desenvolver trabalhos escolares e até a garantia de visibilidade para o esforço despendido. O ápice da minha participação foi a integração com as mídias a partir da Rádio Escolar, especialmente pelo uso do computador, tanto no processo de produção quanto de divulgação dos programas radiofônicos, possibilitando um diálogo com mundo para além dos muros da escola.”

Aluna Y – “Eu comecei no *Hip-Hop* com 15 anos e hoje estou com 18 anos. Comecei a dançar porque adoro, mas sempre fui muito tímida e a dança me ajudou a me soltar mais.”

Aluno Z – “Sempre quis ser diferente e levar uma mensagem diferente para os outros jovens, que na Ilha, de maneira geral, gostam muito de pagode. Sendo assim, em 2006, depois de ter morado em Salvador, pensei em trazer o *Hip-Hop/ Dança de Rua* pra cá e por isso criei o grupo Unidade Negra.”

Como visto, todos os alunos e aluna entrevistados possuíam uma certa inquietação e por isso partiram para algo novo, diferente, fora do padrão preestabelecido em suas comunidades. Esta irreverência é uma característica forte dos adolescentes, e muitas vezes a escola classifica isso como rebeldia e deixa de aproveitar este gancho para propor algo de novo na história de vida destes alunos e aluna.

A quinta e última questão pede que os alunos e aluna façam um link, ou seja, uma relação entre a participação deles nos projetos e suas histórias de vida. Por fim, cada um respondeu o seguinte:

Aluno X – “Sim, associo. A participação em uma oficina extracurricular influenciou no meu comportamento tanto fora como dentro da escola. Tornei-me mais disciplinado, passei a tratar melhor os meus pares, a minha família. Durante o período de participação ouvi tanto as palavras ‘cultura’, ‘cidadania’, ‘moral’, ‘ética’ e tantas outras... como não aplicar isso à minha vida? Passei a ter mais visibilidade fora da escola, ter mais responsabilidade com os estudos, posso dizer ainda que melhor foi a história, a trajetória de minha vida que foi modificada. Talvez, se eu não tivesse participado dessa oficina, o rumo da minha vida teria sido diferente, até porque eu não teria ampliado a minha visão de mundo, a forma como deveria enxergar tudo que está ao meu redor e poder trilhar caminhos que me levassem ao êxito neste mundo tão conflitante.”

Aluna Y – “Com certeza, porque em vez de eu estar na rua fazendo coisas erradas, estava lá ocupando minha mente. Sem contar meu filhinho, hoje com 2 anos que, pode-se dizer, é ‘filho do *hip-hop*’, pois o pai é um dos integrantes do grupo também. É muito bom participar, pois embora o estilo mais curtido pela galera da Ilha seja o pagode, não tem quem não goste de nos ver dançar.”

Aluno Z – “Com certeza, hoje estou com 25 anos e concluindo o Ensino Médio; trabalho de noite em um restaurante e duas vezes na semana vou para Maragojipe trabalhar no PROJOVEM com oficinas de dança, teatro e artesanato. O meu grupo recebeu a proposta de um francês de integrar a nossa dança de rua com o *hip-hop* lírico e barroco. No início, foi difícil achar que ia ficar bom associar nossos movimentos à canções líricas, mas, no fim, só depois de ter visto na filmagem, achamos o resultado muito bom.”

- **Síntese**

O estudo sugere que estes tipos de atividades extracurriculares fazem e muito a diferença na vida destes jovens. O mais interessante foi que os entrevistados estão em fases diferentes; o aluno X, por exemplo, participou da JUBA Rádio Escolar, hoje é professor de Língua Portuguesa e Inglês e pretende cursar o Mestrado na área de Semiótica. Já a aluna Y e o aluno Z ainda estão no processo, mas já conseguem perceber a mudança em suas vidas.

É imprescindível destacar que, no início da implantação da JUBA Rádio Escolar, muitas críticas e denúncias foram feitas por parte de algumas pessoas da comunidade escolar que, por não entenderem o trabalho, acharam melhor tentar acabar com o projeto.

Entretanto, houve momentos inesquecíveis, como por exemplo quando a TV Globo e o Jornal *A Tarde* estiveram na escola para entrevistar os alunos. Foi uma excelente repercussão na comunidade, que apareceu pelo menos uma vez na mídia para mostrar um trabalho positivo, e não nos programas policiais sensacionalistas.

É interessante notar que atualmente, este tipo de atividade vem sendo proposto pela Secretaria de Educação nas escolas através de programas como Escola Aberta, Mais Educação, Pro Jovem – que propõem escola em turno integral. Contudo, apesar de reconhecer a importância destas ações percebo que muito ainda deve ser feito quanto a estruturar melhor estas oficinas, encontrar espaços adequados para sua realização e profissionais qualificados e bem remunerados para este tipo de trabalho.

Segundo Edgard de Assis Carvalho : “A educação do futuro exige um esforço transdisciplinar que seja capaz de rejunta r ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura.” Para que isso de fato ocorra :

Em primeiro lugar, é preciso deixar-se contaminar pelo ‘princípio da incerteza racional’ e descobrir que razão e desrazão integram qualquer tipo de cognição, mesmo que a ciência insista em não se deixar contaminar por itinerários mítico-mágico-imaginários, que sempre se encontraram presentes em teorias, conceitos e métodos. Se a disjunção homem/natureza foi uma consequência desta cosmovisão, o resgate da uniduidade do humano requer urgência máxima. O ‘grande paradigma do Ocidente’, disjuntor do sujeito e do objeto, da alma e do corpo, da existência e da essência, precisa ser desobedecido e refutado, para que o pensamento alce vôos mais livres e polifônicos. Precisamos reaprender a rejunta r a parte do todo, o texto e o contexto, o global e o planetário, e a enfrentar os paradoxos que o desenvolvimento tecnoeconômico trouxe consigo, globalizando de um lado e excluindo do outro.⁹⁶

Tal observação complementa o que vem sendo discutido ao longo desta dissertação: se quisermos um mundo possível para as próximas gerações, a mudança é urgente, pois até então tivemos tantas certezas que agora são incertas, uma destas mostrando que a parte subjetiva do ser humano é tão importante como a objetiva, ou seja, que na verdade ambas se integram, se fundem. Assim, para que nossos alunos e alunas possam alçar voos, a utilização da arte-educação enquanto metodologia é vital para se alcançar o objetivo de encarar os paradoxos que o desenvolvimento tecnoeconômico tem nos acarretado, universalizando por um lado e excluindo por outro.

Como visto, no depoimento dos próprios estudantes, participar das atividades extracurriculares contribuiu de forma direta na autoestima de cada um e consequentemente nas suas histórias de vida, levando-os a “tomar consciência daquilo a que se poderia chamar, em termos sociológicos, as determinações que pesam sobre a sua maneira de estar no mundo.”⁹⁷ A partir do momento em que tais

⁹⁶ Apud MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12ª ed. São Paulo: UNESCO, 2007. Apresentação do Livro.

⁹⁷ JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n.2, p. 11-23, jul./dez. 1999. p. 01.

determinações são descobertas, são abertas outras potencialidades e ainda é o que vem acontecendo com estes estudantes.



CONCLUSÃO

Dessa forma, posso afirmar, ao término dessa dissertação, que a Arte é tão antiga quanto a Educação, pois a Arte é a expressão das nossas emoções mais profundas e, por encontrar limitações nas palavras, faz uso de metáforas, melodias, cores e formas para expressar sentimentos. Já através da educação tornamos imortais os saberes já adquiridos pela humanidade, pois estes conhecimentos universais adquiridos são transmitidos para as novas gerações através do esforço educativo.

Nas sociedades primitivas, a transmissão desses saberes era efetuada naturalmente pelos mais velhos. Contudo, com a modernidade, isto é, com o crescimento demográfico e com a industrialização, o processo educacional tornou-se “padrão”, pois havia a necessidade de homens “padrão”, com as mesmas necessidades e com as mesmas visões de mundo. Para isso, a razão foi propositalmente valorizada, enquanto os nossos sentimentos foram sufocados pelo bom senso. Mas, felizmente, a humanidade de maneira geral tem percebido que esta “padronização” só tem trazido prejuízos, pois gerou os analfabetos secundários, que se caracterizam por manter suas atenções desviadas por trivialidades, ou seja, pela televisão e suas inúmeras programações: novelas, competições esportivas, reality shows etc. O analfabeto secundário é contemporâneo de uma época em que a cultura deixou de ser necessidade pública. É importante ressaltar que este tipo de analfabeto não é encontrado apenas nas camadas menos favorecidas da nossa sociedade, mas em número bastante significativo na classe dominante.

Na tentativa de reverter o quadro vemos na Arte-Educação, ou seja, nessas duas ciências milenares e tão antagônicas, a dinâmica, quer dizer, a dialética, capaz de modificar a nossa realidade, pois já é de conhecimento comum que a nossa aprendizagem ocorre por dois fatores: pelo que vivemos (sentidos) e pelas simbolizações (pensamentos). Isso quer dizer que os conceitos que assimilamos passam primeiro pelos sentimentos.

É importante frisar que Arte-Educação não significa apenas incluir, ou não, a disciplina de Arte nos currículos educacionais, mas é bem mais complexo que isso, é ver a Arte-Educação como um modelo educacional pautado na construção de um sentido individual, ou seja, personalizado para a vida e conseqüentemente próprio de cada estudante, onde cada um expressará seus valores, seus sentimentos e suas significações.

Observa-se, depois dessas explicações teóricas, que em nome do modernismo industrial nossa personalidade foi desintegrada, foi reduzida a pedaços desconexos. A Arte-Educação se mostra como uma forma de tentar unir estes pedaços nas gerações contemporâneas para que se perpetue o sonho de um equilíbrio do ser humano com o Planeta Terra. Para alcançarmos este equilíbrio não precisamos de fórmulas educacionais importadas, mas de um comprometimento humano, pessoal e valorativo com a educação, com o Brasil e por que não dizer com o nosso mundo. A Arte-Educação constitui-se uma forma viável de concretizar esta transformação, principalmente em comunidades que sofrem de um descaso institucional, como é o caso da comunidade da Ilha de Itaparica.

Estes conceitos são reforçados, nas falas dos professores e alunos/alunas realizados na pesquisa de campo, onde pude perceber que nem todos os entrevistados tinham noção exata da medida em que participar destes projetos afetaria, ou não, suas vidas. Depois de suas falas cheguei a conclusão que, de fato, participar da Rádio JUBA e do grupo de Hip-Hop fizeram a diferença em suas vidas e também dos professores que conduziram tais projetos, ao qual me incluo, pois uma vez que vemos os alunos e alunas se desenvolverem através da arte-educação não conseguimos mais retróceder, ou seja, vê-los como fragmentos de um quebra cabeças, aprendemos a partir daí a respeitá-los como seres únicos, complexos e integrais.

Pude observar, ao longo do meu percurso profissional e da pesquisa, que os alunos que participaram e participam dessas atividades extracurriculares são capazes de fazer a diferença em suas famílias e comunidades, pois a Arte-Educação possibilitou a eles que se apropriassem de tudo o que a humanidade é

capaz de realizar. A Arte-Educação é um meio indispensável para essa união com o todo e reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. Todos perguntam se sou artista ou professora de Artes para defender tanto a sua utilização. No entanto, para ser uma verdadeira arte-educadora não basta a formação, e sim uma nova visão de mundo, em que haja lugar e oportunidade para negros/negras, brancos/brancas, pobres, ricos/ricas, índios/índias, portadores/portadoras de necessidades especiais, gays, lésbicas e simpatizantes (GLS); esta visão inclusiva pode adquirir através da arte-educação.

Desta forma, fica claro, que a arte-educação consiste em um instrumento forte de socialização na comunidade escolar, independente de estar ou não materializada na forma de um projeto extracurricular, porém a pesquisa mostra que o primeiro passo é da gestão escolar em dar espaço e valorizar atividades extracurriculares. Com outras palavras, quero dizer a disciplina de Artes justifica-se como uma escolha de suas verdades e seus sonhos de futuro, e uma forma de praticar um processo educativo dentro da sua contemporaneidade e da sua realidade, conjuntamente com os educadores. Dessa forma, contribui com a construção e idealização de valores que permitam sair da indiferença, da desesperança, da apatia, dos descaminhos e assim provocar uma atitude de se projetar, de olhar de forma crítica a realidade e avaliar todos os elementos que contribuem para a realização do ser humano e do ser cidadão, ativo e participativo.

A educação através da arte, proporciona aos jovens uma identificação e vivência de valores como a solidariedade social, a realização pessoal, a capacitação crítica, a consciência de seus direitos e deveres, a autoestima e o respeito.

Finalmente, isso nos leva a crer que a educação do futuro deve promover uma unificação dos conhecimentos a fim de rever e situar a condição humana no mundo. Isto significa integrar a contribuição das humanidades, em geral, e não somente a Filosofia, a História, mas também a Literatura, a Poesia e, mais especificamente, o tema central desta dissertação: a Arte-Educação.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Thomas. **Las inteligencias múltiples en el aula**. Tradução de Marcelo Pérez Rivas. Buenos Aires: Manantial, 1999.

ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: estudar para a esperança**. Petrópolis, Vozes, 2000.

BAHIA, Secretaria da Educação, Serviço de Administração Geral. **Legislação básica do Magistério Público Estadual de ensino fundamental e médio**. Salvador: SEB/SAG, 1998. BAHIA, Secretaria da Educação. **Orientações curriculares estaduais para o ensino médio: área de linguagens, códigos e suas tecnologias**. Salvador: Secretaria da Educação, 2005.

BAHIA. **Constituição do Estado da Bahia**. Salvador: Assembléia Legislativa, 1989.

BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Ensino. **Educação artística: diretrizes curriculares para o ensino fundamental**. Salvador: SEC, 1994.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1995.

BASTOS, Zélia. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro** – Salvador: s.n. [sine nomine], [2000?]

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11 – 30, jan./jun. 2002.

BUORO, Amélia Bueno. **O olhar em construção (a arte na escola)**. São Paulo: Cortez, 1999.

BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradims and orgasational analysis**. London: Heineman Education Books, 1982.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações curriculares para ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.** Brasília, MEC/CNE, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes nacionais para a educação das relações ético-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília, MEC/Secretaria Especial de Política de Promoção de Igualdade Racial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio.** Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Inteligências múltiplas.** 2.^a edição. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental.** São Paulo: Ática, 2002.

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1 n. 11, 1^o. trim/2000.

CUNHA, Diana A. **As utopias na educação: ensaios sobre as propostas de Paulo Freire.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DOURADO, Paulo; MILET, Maria Eugênia. **Manual de criatividade.** 4^a edição. Salvador: EGBA, 1998.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1986.

_____. **Fundamentos estéticos da educação.** Campinas: Papirus, 1988.

_____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar, 2001.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção.** São Paulo: Perspectiva, 1989.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese?** São Paulo: Perspectiva, 1989.

EHRENZWEIG, Anton. **A ordem oculta da arte: um estudo sobre a psicologia da imaginação artística.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

FARIAS, Sérgio Coelho Borges. A performance como recurso para formação de atores. **Repertório** n. 3, Salvador, Bahia: Programa de PG em Artes Cênicas da UFBA, 1999. p. 10-25.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia (saberes necessários à prática educativa)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. Petrópolis: Vozes, 1971.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n.2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho Científico**. 6^a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12^a ed. São Paulo: UNESCO, 2007.

OSÓRIO, Ubaldo. **A Ilha de Itaparica: história e tradição**. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1972.

PAIM, Sara; JARREAU, Gladys. **Teoria e técnica da arte-terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 42-57

QUEIROZ, M.I.P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo civilizatório**. São Paulo: Vozes, 1978.

SEGURO, R. **As histórias de vidas abrem novas possibilidades às pessoas**. 2008. Disponível em <http://www.direitodeaprender.com.pt>. Acesso em 22/07/2009.

SELTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU; Edusp, 1975.

STRECK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia M. **Manual de normas para trabalhos científicos**. São Leopoldo: EST, 2009.